

O Prelo

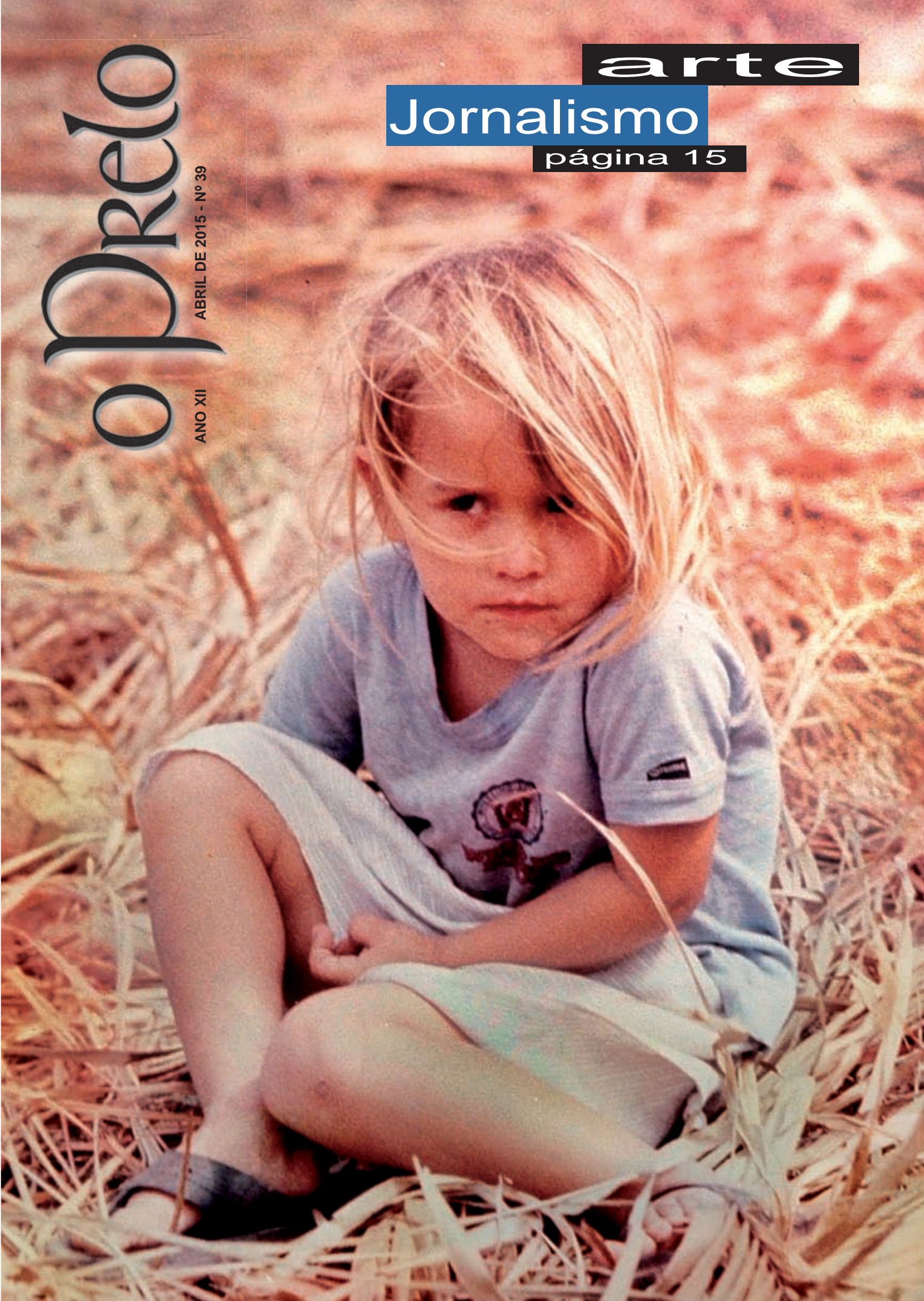
ANO XII

ABRIL DE 2015 - Nº 39

arte

Jornalismo

página 15









NA HORA DO BANHO, SEJA UM MANERA: DESLIGUE O CHUVEIRO AO PASSAR O SABONETE.



Economize água.
É mais legal ser um Manera.

Mantenha as torneiras fechadas enquanto escova os dentes, lava louça, toma banho e faz a barba, e dê uma lição em quem esbanja água. Afinal, é maneiro ser um Manera.

TOMAR BANHO		DE 15 MINUTOS		COM O CHUVEIRO LIGADO	=		CONSUMO MÉDIO DE 190 LITROS DE ÁGUA
TOMAR BANHO		DE 5 MINUTOS		COM O CHUVEIRO DESLIGADO AO SE ENSABOAR	=		CONSUMO MÉDIO DE 65 LITROS DE ÁGUA



SOMANDO FORÇAS



Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Francisco Dornelles
VICE-GOVERNADOR

Leonardo da Cunha e Silva Espíndola Dias
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Walter Freitas Netto
Diretor Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo

ANO XI nº 39

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Luana Soares

Estagiários:

Camila Araújo
Gabryella Mendes
Janaína Medeiros
Laura Alonso
Magno Navarro
Nathalia Cordeiro

Programação Visual:

Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:

Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa:

Foto: Alberto Jacob Filho

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO

O PODER DA LEITURA

4 A transformação de vidas através da literatura



LONA NA LUA

6 Projeto leva arte ao interior do estado

MÚSICA BRASILEIS

8 Instituto facilita o acesso à música brasileira

MOVIMENTO NEFELISTA

10 Cultura e juventude na Zona Oeste

SEMENTES DA ÁFRICA

12 Cultura africana em solo brasileiro



RIO CRIATIVO

14 Iniciativa carioca acelera economia criativa em todo o estado

FOTOJORNALISMO

15 A arte por detrás da profissão

PROJETO ARUANÃ

20 Iniciativa busca a preservação das tartarugas verdes em praias fluminenses

VIDA EM MOVIMENTO

22 Projeto de Itaboraí conecta a 3ª idade à internet



FÁBRICA BHERING

23 Desativada há 20 anos, antiga fábrica tornou-se polo de arte

TEM QUEM QUEIRA

26 A ONG carioca reutiliza materiais e favorece a inclusão social

HEMORIO

28 70 anos de história e dedicação em prol da vida

BEM TV

32 Comunicação ao alcance de todos



AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DOS AUTORES

O PODER D

VIAJANDO NAS PALAVRAS



Fotos: Divulgação/SSES RJ

JANAÍNA MEDEIROS

Navios piratas, princesas em seus castelos, cavaleiros medievais, todos invadem as alas do hospital, transformando as paredes brancas e os barulhos de aparelhos em um novo mundo repleto de fantasia. O caminho para o outro universo são os livros, fontes inesgotáveis de alegria. E foi acreditando no poder dos livros e da imaginação que surgiu o projeto Aconchego – Leitura no leito, no Hospital Estadual Roberto Chabo, em Araruama, na Região dos Lagos.

Implantado no início de 2014, o projeto é voltado para todas as idades e já conta com mais de 600 exemplares que fazem parte da biblioteca Maria Montessori. O acervo é eclético, com livros dos mais variados estilos. Há também gibis, revistas, palavras cruzadas, tudo doado pela comunidade e pelos próprios funcionários.

O Aconchego atua de forma bastante simples: assim que o paciente chega ao hospital uma equipe multiprofissional, que conta com psicólogos, pedagogos e assistentes sociais, verifica se há interesse pela leitura. A partir daí o paciente recebe visitas diárias que duram cerca de uma hora e é contemplado com a leitura, que pode ser feita por um funcionário ou pelo acompanhante. “O tempo hospitalizado não é nada fácil para o paciente e sua família. Nossa intenção era tornar a permanência a menos dolorosa possível. Nos momentos de leitura sentimos que o paciente consegue tirar o foco da dor”, explica a pedagoga Solange Freire, idealizadora do Aconchego.

Além da leitura, o projeto também incentiva a imaginação por meio de desenhos. “Trazemos lápis

de cor, papéis e alguns desenhos para que eles possam se inspirar, é um jeito de passar o tempo e se distrair”, afirma Solange.

O paciente Leonardo Nascimento, de 29 anos, que estava se recuperando de uma cirurgia ortopédica, foi um que optou pelo desenho. “Não conheço as técnicas, mas gosto muito de desenhar. A equipe do projeto Leitura no Leito tem contribuído com meu hobby trazendo alguns desenhos, ou seja, me propondo desafios”, conta.

A ala infantil recebe uma atenção toda especial do Aconchego. A equipe também se preocupa em mantê-los estudando, já que o período afastado da escola pode ser longo, para isso eles contam com material didático e pequenas aulas regulares.

O menino Gabriel Jesus da Silva, de 11, havia acabado de sair de uma cirurgia de apendicite quando entrou para o projeto. Ele, que já adorava ler, foi só animação com a novidade. “Em casa, leio muitas histórias em quadrinhos, e aqui no hospital já li várias”, conta o menino.

O resultado da leitura, e especialmente do carinho em forma de palavras, fica visível na aceitação e na felicidade dos pacientes. “Estar internado é algo que ninguém quer. Então, vi este projeto como algo que me tiraria do universo da doença. Tenho conseguido ‘sair desta condição e viajar’”, alega-se Cláudio Teixeira Júnior, 41 anos.

Os acompanhantes também tem vez na biblioteca, assim como os funcionários do hospital. “Nós consideramos que o tempo no hospital também é difícil para o acompanhante, não é fácil ficar do lado do leito de quem você ama. O tempo não passa”. conclui Solange □



O Projeto Aconchego no Leito já beneficiou dezenas de pacientes do hospital estadual Roberto Chabo, em Araruama, através da leitura e da arte

OS LIVROS

OLIMPIADAS SOLIDÁRIAS

JANAÍNA MEDEIROS

A cada hora de estudo você ganha conhecimento. Mas, imagine, se a cada hora estudada você ganhasse a oportunidade de ajudar ao próximo? Foi desse princípio simples e poderoso que surgiram as Olimpíadas Solidárias de Estudo. A cada hora de leitura em uma das bibliotecas credenciadas no projeto, R\$ 1 é revertido para projetos sociais.

A Olimpíada acontece simultaneamente em 13 países. Sua primeira edição foi na Espanha e contou com 436 alunos que estudaram mais de cinco mil horas, revertendo o dinheiro para a construção de um orfanato para meninas em Angola. O projeto chegou ao Brasil em 2007, quatro anos após a experiência espanhola.

Em terras brasileiras o projeto tem a realização do Instituto Ekloos, uma ONG que tem como objetivo ajudar outras ONGs a crescer e se manter. A fundadora, a ex-executiva da Microsoft Andréa Gomides, deixou seu emprego na multinacional depois de ler o livro "Saí da Microsoft para mudar o mundo". Andréa, que já dividia seu tempo entre sua sala na Microsoft e uma pequena comunidade perto do bairro do Limão, em São Paulo, decidiu dedicar inteiramente seu tempo ao que mais gostava de fazer: ajudar pessoas.

Buscando formas de ajudar a transformar o seu próprio país, Andréa viajou o mundo em busca de projetos sociais que pudessem transformar a realidade da população mais carente. Em uma de suas viagens conheceu, na Espanha, a Coopera, desenvolvedora das Olimpíadas Solidárias. "Conheci as Olimpíadas buscando projetos para o Instituto e resolvi trazer essa ideia para o Brasil porque achei realmen-

te genial. Com ela nós mobilizamos as pessoas, de uma forma simples, para uma ação de voluntariado e ao mesmo tempo incentivamos a leitura. Algumas pessoas querem ser voluntárias, mas não sabem como, e a Olimpíada leva até elas esta possibilidade", afirma.

A última edição mobilizou mais de 20 mil pessoas por todo Brasil que dedicaram mais de 60 mil horas ao voluntariado, em 57 bibliotecas espalhadas pelo país. O Instituto gerou um ranking com as maiores colaborações entre as bibliotecas participantes, em primeiro lugar ficou a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com mais de 14 mil horas de estudo, seguida pela Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil, também no Rio de Janeiro, com mais de 8 mil horas doadas. O terceiro lugar ficou com a Biblioteca Professor Marcelo Damy, da UNICAMP, em São Paulo.

Na 12ª edição, as Olimpíadas possibilitaram a criação de uma biblioteca comunitária no Projeto Lajão, que atende cerca de 100 crianças, na comunidade dos Tabajaras, na Zona Sul do Rio. Com a reversão das horas de leitura em dinheiro, foi possível comprar 10 mil exemplares de livros. "A Olimpíada melhorou a visibilidade da atividade de leitura e trouxe a expectativa de um futuro melhor para todos os moradores da comunidade", declara Alex Azevedo, responsável pelo Lajão.

A Olimpíada alcançou tamanho sucesso que outros dois projetos também foram contemplados. O excedente de livros foi para os projetos Gol de Letra, no Caju, e Projeto Jurujuba, em Niterói □

SERVIÇO

<http://www.olimpiadasolidaria.com/>



As Olimpíadas Solidárias beneficiaram a biblioteca do Lajão, na comunidade dos Tabajaras, no Rio, doando mais de 10 mil exemplares de livros



Bruno Siqueira interpreta o "Euricão"



Fotos: Divulgação / Projeto Lona na Lua

Quem Casa quer Casa: peça mais premiada do Lona na Lua



Integrantes utilizam a arte como forma de inclusão

Lona da Lua: a arte faz

GABRYELLA MENDES

*Iniciativa cultural
leva música, dança
e teatro aos
moradores
de Rio Bonito*

SERVIÇO

Lona na Lua
Endereço: Avenida 7 de maio, s/n°,
Centro – Rio Bonito
Telefone: (21) 99564-0609 / (21)
99185-4704
E-mail: lonanalua@yahoo.com

A Avenida 7 de Maio é o coração da cidade de Rio Bonito. Conhecida por seus bares e festas, hoje é, também, sinônimo de cultura. Bem no meio da via, uma grande lona azul estrelada atrai olhares e encanta quem passa por ela. Parece um circo, mas apesar da magia que a envolve, o espaço é, na verdade, um projeto social que mudou o pensamento de uma pacata cidade, iniciando um grande movimento cultural na região.

Tendo como principal objetivo levar arte às periferias da cidade, o Lona na Lua nasceu em 2009, idealizado pelo ator e diretor Zeca Novaes. No início, o trabalho era desenvolvido em uma pequena tenda, conquistada com recursos próprios e pequenas doações de comerciantes e amigos. A "Lona Itinerante" visitava comunidades, levando espetáculos de teatro, música, capoeira e também exposições de fotografias, artes plásticas e poesia.

Nessa mesma época, o Lona na Lua fez uma parceria com a Companhia de Teatro Contemporâneo - escola de teatro localizada na cidade do Rio de Janeiro -, começando a desenvolver o projeto Novas Perspectivas, que oferecia oficinas de teatro, música, dança, circo, figurino, cenografia e iluminação.

O sucesso do programa Novas Perspectivas atraiu muitos olhares, conquistando, de vez, a população riobonitense. Foi então que Zeca Novaes decidiu dar mais um passo: usar todas as suas economias para dar entrada na lona dos seus sonhos. Pouco tempo depois, lá estava a grande lona azul estrelada, de portas abertas para um universo de possibilidades. "Quando a lona chegou, minhas pernas tremiam. Foi muito emocionante! Ver uma cidade pequena, do interior, que não possui teatro ou cinema, receber um espaço de arte para crianças e adolescentes, foi a realização de um



Projeto oferece peças infantis para alunos do município

bonito em Rio Bonito

grande sonho”, lembra o coordenador do projeto.

O Lona na Lua seguiu escrevendo a sua história. Em 2011, foi contemplado como um dos 10 projetos do Estado do Rio de Janeiro detentores do Selo Rio Sociocultural, que destaca as realizações inovadoras. Hoje, são mais de 20 prêmios conquistados.

Com quase seis anos de existência, o projeto já atendeu mais de duas mil crianças e adolescentes, sempre os incentivando a despertar as competências e habilidades para a escolha de suas profissões. O projeto também objetiva desenvolver um potencial criativo, para que o aluno possa não só se conhecer, mas também enxergar a vida com outro olhar. A ex-aluna do projeto, Larissa Moraes, encontrou no Lona na Lua uma oportunidade de desenvolver suas habilidades artísticas. “Estudei canto, violão e tinha um grupo de dança durante a adolescência. Mas

por morar em uma cidade pequena, nunca pude estar em um lugar onde tantas vertentes artísticas se juntavam. Isso foi o que me chamou mais atenção”.

Formada pelo Lona na Lua, Larissa, atualmente, é aluna do curso de Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF) e vocalista da banda Mote Combinado. Mesmo assim, não se distanciou completamente do centro cultural, colaborando sempre que pode. A cantora acredita que além das artes, o projeto é uma ferramenta de formação de caráter, de aprender a sonhar junto, dividir e superar limites. “Vi crianças entrando no projeto cheias de traumas, medos e limitações, e transformarem em artistas de grande potencial. Talento que, talvez, até elas desconhecem”, completa Larissa.

A equipe do projeto é formada por seis pessoas, entre professores e produtores, e atende cerca de 200 alunos. São diversas oficinas, que

ocorrem separadamente. Mas em dias de ensaios, todos se juntam. O resultado pode ser visto através dos espetáculos, onde sempre há teatro, dança e música.

Além das oficinas, o Lona na Lua tem um programa chamado “A Escola Vai ao Lona na Lua”, que oferece espetáculos infantis e infanto-juvenis, tornando a ida ao teatro uma vivência cultural. Os temas atendem propostas pedagógicas como meio ambiente, higiene bucal, *bullying*, sexo na adolescência, drogas, educação no trânsito, além de apresentar clássicos da literatura infantil.

EXTENSÃO DO PROJETO

A prefeitura da cidade vizinha, Silva Jardim, firmou um convênio com o projeto. Oficinas de teatro, dança, música e circo invadiram o Teatro Zezé Macedo, levando a arte para mais de 200 crianças e adolescentes □

Verdadeiro tesouro cultural, a música erudita brasileira tem origens no descobrimento das terras do chamado Novo Mundo – as Américas –, ainda que nos moldes europeus. Séculos depois, durante a Semana de Arte Moderna, em 1922, surge um expoente das novas tendências musicais: Heitor Villa Lobos. Ele foi o primeiro grande artista brasileiro a assumir em suas obras características verdadeiramente nacionais. Mas onde estão essas obras? Pois é, aí está. Apenas 50% de todo o repertório manuscrito do mestre Villa Lobos foi editado. Mas ele não foi o único.

CAMILA ARAÚJO

INSTITUTO MÚSICA BRASILIS RESGATA A MÚSICA BRASILEIRA COM ACERVO ONLINE



Fotos: Divulgação/ Instituto Música Brasilis

Grande parte dos repertórios brasileiros é inacessível por falta de edições adequadas à execução. Pensando nisso, a cravista e pesquisadora Rosana Lanzelotte decidiu criar o Instituto Música Brasilis, com a missão de resgatar e difundir a música clássica brasileira.

Comprometida em pesquisar partituras nacionais a fim de trazê-las para a cena musical do país e do mundo, Rosana criou, em 2009, o Instituto Música Brasilis, um portal que disponibiliza mais de mil obras de cerca de 200 compositores brasileiros, desde o século XVIII até o século XX. Ao longo de sua pesquisa e carreira, ela observou que muitos repertórios acabavam ficando guardados nas bibliotecas e lá permaneciam, muitas vezes, intocados, fazendo com que as pessoas desconhecessem grandes clássicos.

“Concebi o Musica Brasilis há seis anos, ao perceber a grande dificuldade de acesso a partituras. Ao longo da minha trajetória como musicista e diretora musical do projeto Música nas Igrejas, que durante 20 anos realizou concertos por todos os bairros do Rio de Janeiro, deixo conta de quão difícil é conseguir uma partitura. Os especialistas estimam que 95% do repertório brasileiro nunca foi editado ou as edições estão esgotadas.”, explica.

Muitos nomes deixaram de tornar sucesso por falta de registro. Afinal, sem a partitura, como os músicos poderiam reproduzir as obras e assim, torná-las conhecidas pelo público? Para isso, era fundamental pesquisar e editar os manuscritos das obras. Hoje o IMB vem se firmando como uma das principais fontes de acesso aos repertórios brasileiros, com mais de seis mil acessos mensais provenientes de 84 países.

“Algumas obras são tidas como perdidas e todos os músicos gostariam de encontrá-las um dia. Muitas das que se tem notícia de autoria de Glauco Velasquez, compositor homenageado durante o V Circuito BNDES



ADONIRAN BARBOSA
Um dos maiores nomes da produção artística de São Paulo, é cronista musical da vida de sua cidade. Obra: "Trem das Onze".



ARY BARROSO
Precursor do gênero samba-exaltação foi, além de compositor, locutor de futebol e radialista. Obra: "Aquarela do Brasil".



CHIQUINHA GONZAGA
Foi a maior personalidade feminina da história da música brasileira e expoente na luta pelas liberdades no país. Obra: "Atraente".



CARLOS GOMES
O mais importante compositor de ópera do Brasil. É o autor da ópera O Guarani, cuja abertura é a vinheta do programa de rádio A Voz do Brasil.



DORIVAL CAYMMI
Cantou e tornou a Bahia internacionalmente conhecida e influenciou gerações de músicos brasileiros. Obra: "O que é que a baiana tem".



ERNESTO NAZARETH
Um dos maiores instrumentalistas brasileiros, dedicou suas obras ao piano. Escreveu no total 211 peças, disponíveis no site. Obra: "Você bem sabe".



Musica Brasilis, nunca foram encontradas. A orquestração da única ópera que compôs, Soeur Béatrice, sobre um poema de Maeterlinck, está perdida.”, aponta.

A primeira coleção completa de partituras disponibilizadas no site foi a do compositor e pianista Ernesto Nazareth, símbolo de brasilidade e um dos músicos de maior importância para a cultura brasileira. Ele compôs sua primeira obra aos 14 anos (1877) – a polca-lundu *Você bem sabe*. Morreu aos 70 anos, tendo escrito no total 218 peças, todas disponíveis no IMB.

Mas não só as partituras dos compositores estão disponíveis no portal, como também inúmeras informações deles. Vídeos das músicas, breves biografias, fotos e até escutas guiadas podem ser consultadas. O atual conteúdo reflete as contribuições da Academia Brasileira de Música e dos pesquisadores Pedro Aragão, Felipe Radicetti e Rodrigo de Santis. É apenas uma amostra do que se pretende, uma vez que essa é uma tarefa infundável.

E mais: percussão, cordas, teclado e sopro – para quem quer conhecer ou tem curiosidade de saber mais sobre instrumentos musicais, uma seção do site é dedicada exclusivamente a eles. São abordados tanto os instrumentos utilizados em orquestras, quanto àqueles empregados na música popular desde o século XVI até os dias de hoje.

Quer saber se você é bom de música? Os jogos também são atrativos do site para quem deseja treinar sua percepção musical. Na Mesa de Mix, o internauta brinca com a flauta, o sax tenor a base da música ‘Ainda me recordo’, de Pixinguinha e Benedito Lacerda, ou também com a música ‘Garoto’, de Ernesto Nazareth.

Para programação de 2015 já está prevista a itinerância da exposição interativa Rio 450 anos de música pelas Arenas Cariocas dos bairros de Guaratiba, Penha, Madureira e Pavuna. Em cada um desses lugares, os compositores de cada bairro vão ter destaque.

ROSANA LANZELOTTE UNE MÚSICA E TECNOLOGIA

Além de ser uma das maiores cravistas do Brasil, reconhecida internacionalmente, Rosana é doutora em informática. Apesar de serem áreas distintas, a mistura deu tão certo que rendeu grandes frutos, como o Música Brasilis.

“Sempre quis unir os meus conhecimentos científicos à música. Na verdade a formação em ambas as áreas aconteceu por acaso, mas sabe-se hoje que as áreas do cérebro estimuladas pela música são as que habilitam as competências em informática”, conta. Por influência da família, ela começou a se interessar pela pesquisa ainda jovem, descobrindo grandes obras pelo Brasil e pelo mundo.

Segundo Rosana, cada biblioteca tem o seu “modo de usar” e dependendo do local, a tarefa pode ser mais fácil ou mais difícil. O que importa é que o resultado pode ser surpreendente. Numa dessas, ela descobriu o mais raro manuscrito de todos os que já resgatou.

“O começo de uma pesquisa nunca é fácil. Tem-se que descobrir como consultar os fichários, como descobrir se uma obra está ou não microfilmada... Os manuscritos de Pedro Antonio Avondano, que gravei no cravo português, pertencente ao *National Music Museum*, foram os mais raros que já encontrei. Me emocionei ao deparar com os manuscritos deste compositor, do qual muito pouca coisa sobreviveu depois do terremoto de Lisboa (1755). Ele era bastante conhecido e tocado em Minas Gerais no século XVIII”, destaca □

SERVIÇO

Portal: www.musicabrasilis.org.br

Facebook: www.facebook.com/musicabrasilis

Nazareth: disponibilidade integral da obra de Ernesto Nazareth, pela primeira vez na web, através do site www.ernestonazareth.com.br.



HEITOR VILLA-LOBOS

Considerado o maior compositor das Américas, tornou a música brasileira conhecida mundialmente, com mais de mil obras. Obra: “Choros”.



LUIZ GONZAGA

Conhecido como Rei do Baião, ele começou a tocar sanfona incentivado pelo pai, que consertava instrumentos e tocava em forrós. Obra: “Asa Branca”.



NOEL ROSA

Nascido em Vila Isabel, bairro que exaltou em diversos sambas. Foi o primeiro compositor a estabelecer um elo entre o morro e a cidade. Obra: “Conversa de Botequim”.



PIXINGUINHA

Herdeiro da melhor tradição do choro do final do século XIX, foi responsável por consolidar e renovar os repertórios do gênero no Brasil. Obra: “Carinhoso”.



VINÍCIUS DE MORAIS

Compositor, diplomata e poeta, tem seu nome ligado de forma indelével à bossa nova, afinal, foi o autor de letras clássicas do gênero. Obra: “Chega de Saudade”.



TOM JOBIM

Considerado o pai da bossa nova, criou harmonias que abriram novos caminhos para a música brasileira. Obra: “Águas de março”.

Jovens que borbulham o meio artístico da Zona Oeste se reúnem e promovem sarau em praça pública

CAMILA ARAÚJO

Gente animada, criativa, extrovertida, alguns mais tímidos – ou talvez, românticos, pensadores? –, outros mais alternativos, pouco preocupados com os padrões da sociedade e acima de tudo, artistas com vontade de agitar a cena cultural de onde vivem. Assim são os rapazes e as moças do Movimento Nefelista, os *nefelibatas*. O termo veio a partir do livro *Os bruzundangas*, de Lima Barreto, utilizado para identificar os poetas literatos de espírito leve que viviam nas nuvens e desprezavam normas ou regras para escrever. O compromisso em comum deles é deixar a arte fluir e compartilhar com quem quiser.

Músicos, poetas, artistas gráficos e produtores culturais se reúnem no coletivo Nefelista, que a cada dois meses promove um sarau com diversas intervenções culturais gratuitas, na Praça dos Estudantes, em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Eles começaram em fevereiro de 2014 e até hoje realizaram quatro saraus. A ideia de uma ocupação artística, em um espaço público e aberta à população, vem da necessidade que esses jovens viram de fazer aparecer uma cultura original que sempre existiu na região e que deve ser valorizada.

“Existe um discurso de que nas zonas mais periféricas da cidade não tem cultura. A gente quer dizer que não. Aqui tem cultura sim e em todos os âmbitos. O objetivo principal é mostrar que cultura existe e é produzida em qualquer lugar, principalmente na Zona Oeste, que é o nosso território. Essa questão significa a gente se entender como parte daquele lugar. O sarau passa uma representatividade para que o público veja que é possível fazer arte, do jeito que se queira fazer”, explica Talassa Fonseca, de 23 anos, professora de História e produtora musical.

O coletivo não é um grupo fechado enquanto se apresenta na praça. A interação com o público é constante e prerrogativa do evento. Seja qual for a expressão de arte, dançarinos, atores, pintores e quem estiver passando na rua, todos são bem vindos e podem se juntar para manifestar sua criatividade. Para a atriz nefelibata Linda Marina, de 20 anos, o sarau é essencial para chamar a população campo-grandense a vivenciar a própria cultura.

“A ideia é provocar as pessoas da região para uma arte nossa, feita por nós, com nossa crítica. É pensar a cidade, criar um espaço onde a gente seja referência para as pessoas que querem fazer arte, mas precisam de uma motivação. A gente vem

pra afirmar que todo ser humano é criativo mesmo e pode fazer muito mais”, enfatiza a atriz.

A rotina deles é de um jovem comum, que divide o tempo entre trabalho, faculdade, cursinhos, sem deixar de lado os projetos pessoais e o lazer, com um espacinho privilegiado para os eventos do grupo. Quase toda semana, os nefelibatas se reúnem na Praça Jardim da Luz, na Estrada das Capoeiras, a qual chamam de Praça Nefelista. A praça não tem nenhuma sombra, é debaixo de sol ou de chuva que o grupo se reúne para planejar o que vai ser feito nas intervenções culturais e também, como vai ser o sarau seguinte. Coincidência ou não, a Praça Jardim da Luz fica ao lado de uma Lona Cultural onde, na década de 50, jovens se reuniram para fundar o Teatro Rural do Estudante e, posteriormente, a Lona Cultural Elza Osbourne. Segundo o grupo, seria uma espécie de “herança regional”.

Para o estudante de filosofia Iago Ribeiro, de 21, também músico e escritor, o Movimento propõe uma inversão de rota aos jovens que costumam buscar a zona central da cidade para ter lazer. “A gente percebia que em Campo Grande faltava a agitação que a gente queria. No fundo, a gente se sentia refém cultural de outras zonas da cidade.



Fotos: Divulgação / Movimento Nefelista

Jovens 'nefelibatas' querem trocar experiências e manifestar a própria cultura

NE FE LI BA TA

Nós tínhamos nossas bandas e achávamos que pra ter sucesso a banda tinha que tocar na Zona Sul, no Centro da cidade ou na Zona Norte. O Movimento Nefelista é um grito contra isso também. A banda tem que ser funcional também na sua região de origem, que é onde a gente está”, explica.

COMO TUDO COMEÇOU

Cada um pensava um projeto diferente, uma atividade específica com ideias separadas. Até que um dia, o show das bandas de alguns integrantes reuniu um pessoal que quis fazer mais encontros, com mais pessoas conhecidas para divulgar essas bandas. Descobriram mais manifestações artísticas para além das bandas. A partir daí, pensaram em juntar tudo e fazer um evento só, o mais plural possível – de repente apareciam outras formas de arte. Assim, os amigos e conhecidos foram se aproximando cada vez mais. Mal sabiam eles que, de uma forma bem sutil, já eram o embrião do que veio a se tornar o Movimento Nefelista.

“Eu costumo brincar que foi uma peneira natural do tempo. A gente já se conhecia há algum tempo. Cada um tinha um projeto que não vingou. O mais legal foi essa forma como todo mundo foi se

aproximando. Eu conhecia ele, que conhecia o outro, que tinha outro amigo... até firmar, sem perceber um grupo, um coletivo. Foi muito natural”, lembra Linda Marina. Nos encontros eles não só planejam os saraus, mas também compartilham ideias novas, uma música produzida, um poema escrito e por aí vai. Vez por outra, um acaba inspirando a arte do outro.

“O movimento existia e a gente não percebia, porque o grupo já estava ali, fomentando as ideias. O que eu mais admiro no nosso grupo é que nós somos fãs uns dos outros e isso é muito mágico de acontecer. Quando alguém vem com uma música, um refrão ou uma poesia pra mostrar, a gente vibra muito junto e acaba somando com as nossas criações também. Outro dia eu mandei uma música para a Thayná Araujo, que a partir disso fez uma poesia e quando leu a poesia fez outra música. Assim nossas artes vão se misturando, isso é muito bacana.”, disse o músico Riko Viana, de 23 □

SERVIÇO

Endereço: Praça dos Estudantes, s/n – Campo Grande – RJ
Facebook: www.facebook.com/movimentonefelista



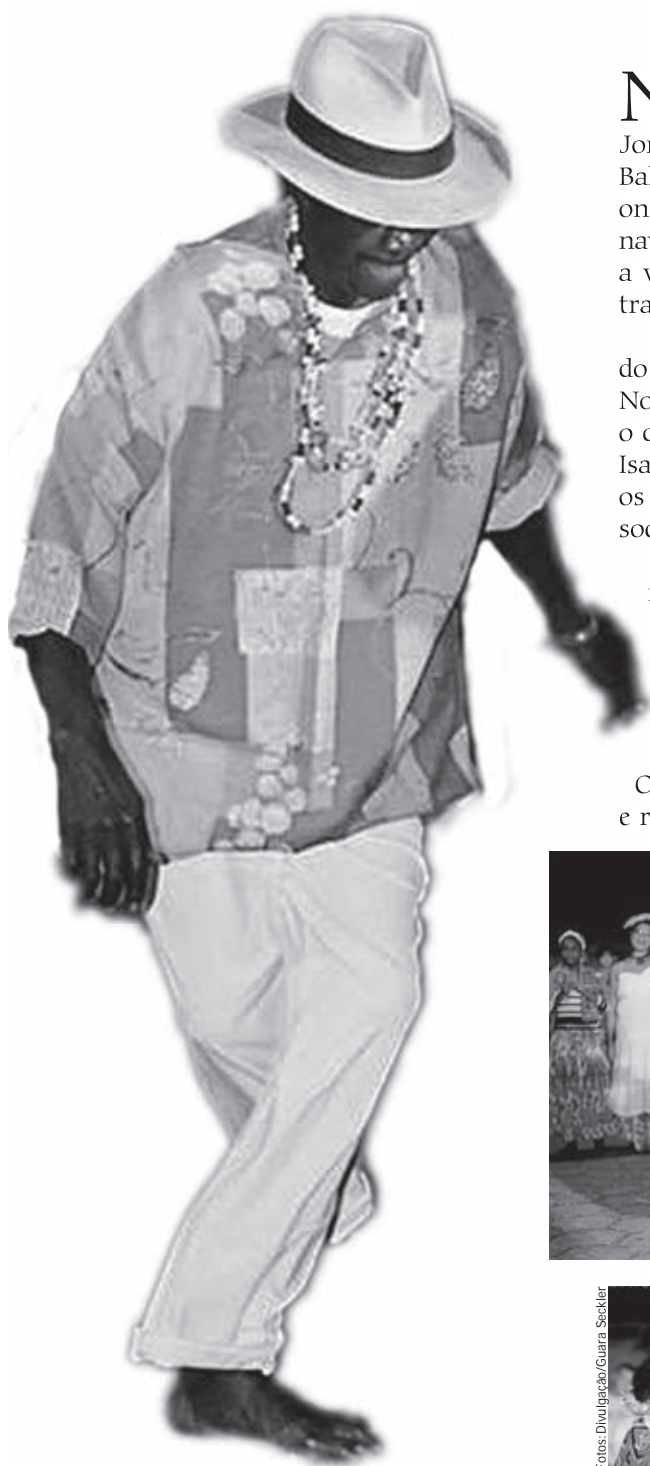
“Sou descendente de escravo”

NATHÁLIA CORDEIRO

Não existem registros precisos dos primeiros escravos negros que chegaram ao Brasil, porém a tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos. Eles eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratamentos e da fome.

O apogeu da escravidão pode ser situado entre 1701 e 1810, quando 1.891.400 africanos foram desembarcados nos portos coloniais. No Brasil, o regime de escravidão vigorou dos primeiros anos após o descobrimento até o dia 13 de maio de 1888. Nesta data a princesa Isabel assinou a Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, libertando os escravos. Desde então os negros foram conquistando seu lugar na sociedade e lutando por direitos iguais.

Um povo cheio de tradição e história, que contribuiu com o Brasil não apenas com a força de seus braços, mas também com sua cultura e costume, que até hoje estão vivos. Um exemplo é a Associação Sementes D`África, que nasceu em 2007, em Barra do Pirá, com o objetivo de divulgar as tradições e cultura do povo africano. A ideia surgiu de Eva Lúcia de Moraes Faria Rosa, tetraneta de escravos, e popularmente conhecida na região como «Rainha do Caxambu». O nome vem do principal instrumento musical, o tambor, grande e robusto, de som grave. O caxambu também foi o primeiro tambor



Fotos: Divulgação/Guerra Seckler

vos com muito orgulho”

Descendentes de escravos criam uma associação cultural para proliferação da cultura Africana



brasileiro feito com o couro do boi, e as barricas de vinho que os senhores jogavam fora.

“Por mais que o tema seja conhecido, e que a história do nosso país tenha sido construída junto aos escravos, é muito importante expressar tudo que a raça negra sofreu. Atualmente o negro conquistou seu lugar na sociedade, porém a história nunca deve ser esquecida. Acredito que estamos contribuindo para que nossa cultura seja mantida. Que o negro não esqueça suas origens, e o branco entenda nossa história como ela verdadeiramente é. Ser descendente de escravos para mim é um motivo de orgulho.” diz Eva.

Uma das tradições que se mantém é o jongo, uma dança criada como forma de comunicação entre si, fazendo denúncias, tramando fugas, contando histórias ou caçoando de algum barão. O jongo está na família de Eva Lúcia desde 1814.

“Ele começou nas senzalas das fazendas de café. Com a abolição, muitos foram trabalhar na rede ferroviária e povoaram a região. Por ser marginalizado, só se fazia roda de jongo em dia de festa no terreiro ou no fundo do quintal. Batíamos o tambor e o pessoal pensava que era macumba. Nos casamentos, fazíamos um baile pra disfarçar e a roda de jongo acontecia nos fundos da festa”, explica Eva.

Ela ensina que os dois tambores pequenos (candongueiros) e o caxambu dão o ritmo da roda, bem marcado pelo mucoco (pedaço de pau usado para bater no caxambu). E diz que para afinar os tambores é preciso posicionar os instrumentos com o couro virado para uma fogueira. “E tem que passar cachaça no couro”, revela. Os grupos de jongo de Eva cantam versos como:

“Preto também chora/ Preto também ri/ 20 de novembro/ É o dia de Zumbi”.

Quinzenalmente são realizadas reuniões com outras redes, onde jovens e membros de outras culturas podem se reunir e trocar experiências e conhecimentos. Muitos alunos de universidades também procuram a associação para fazer pesquisas e documentários. O grupo Sementes D’África percorre escolas da região e visitam fazendas históricas para cantar, dançar e mostrar como se afinam os tambores na fogueira.

“Sou descende de escravos com muito orgulho, e pra mim é uma honra reviver a cultura do meu povo” diz Ivanine Rosa, filha de Eva Lúcia ■

SERVIÇO

Travessa Pedro Lara, 10 – sala 18 – Centro – Barra do Piraí
(24) 24431397 / (24) 99253-2591

RIO CRIATIVO

O trampolim das grandes ideias

MAGNO NAVARRO

Quantas vezes você já se pegou imaginando algum serviço que ainda não existe mas que seria de grande utilidade, não apenas na sua vida mas para toda a sociedade? Ou então soltou a seguinte frase ao ver um produto novo, simples e original “como eu não pensei nisso antes?”. Aqueles que não deixam essas ideias escaparem e apostam nelas como uma grande oportunidade de empreender se enquadram em um ramo da economia que cresce cada vez mais nos últimos anos: a economia criativa, conjunto de atividades nas quais resultam em indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando seu valor econômico

Através de uma visão estratégica para o desenvolvimento econômico baseada neste conceito, a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro criou em 2009 o Rio Criativo, principal plataforma de economia criativa do estado, estimulando o empreendedorismo e oferecendo uma série de serviços de apoio à geração, consolidação e ao fortalecimento de empreendimentos sustentáveis. Pioneira no Brasil, o projeto possui a primeira incubadora pública de economia criativa.

Situado na Praça Onze no prédio da Sociedade Propagadora das Belas Artes, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, o Rio Criativo funciona da



Fotos: Magno Navarro

seguinte forma: através de editais públicos são selecionadas 16 propostas de empreendimentos criativos de todo o estado, que são apoiados através da concessão de recursos financeiros para custeio de despesas relacionadas ao desenvolvimento do

empreendimento. Os candidatos selecionados podem utilizar as instalações da incubadora Rio Criativo por um prazo de até 18 meses, tendo à disposição salas de uso compartilhado e infraestrutura de uso coletivo de salas de reuniões, auditório, copa e demais instalações dos quatro andares da sede, inaugurada em julho de 2014.

Em 2010 o empresário Marcos Ferreira viu um mercado que poderia ser explorado de maneira criativa. Trabalhando de casa, Marcos criou a MobContent, uma empresa voltada para distribuição de vídeo, *wallpaper* e ringtons para operadoras de celular. Para a alegria de Marcos, a MobContent foi selecionada e participou da primeira turma de incubação. Na visão do empresário, a série de ferramentas oferecidas pelo Rio Criativo foi algo determinante. “Em 2011 eu tive meu primeiro estagiário e comecei a trabalhar mais na rua. Foi quando recebi a notícia da seleção pelo Rio Criativo. Sem dúvida foi um dos fatores muito importantes pro crescimento da empresa como um todo.” A gerente do projeto Erica Lewis explica que a análise minuciosa das propostas na hora da seleção faz toda a diferença. “Cada critério leva em consideração um lado do projeto. É importante apostar também nas pessoas e não só nas ideias.” □

SERVIÇO

Rua Frederico Silva, 86 - Praça Onze, Centro - Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21)2507-9742

E-mail: contato@riocriativo.com

Site: www.riocriativo.rj.gov.br



“No total são 50 empresas que já foram apoiadas. Os itens são analisados de forma minuciosa no processo de seleção dos empreendimentos. Cada critério leva em consideração um lado do projeto. Temos que ver se a empresa vai ter mercado no Rio, vai se sustentar disso, pois às vezes tem-se uma ideia ótima mas não consegue-se executar. Por isso é fundamental ver o perfil do empreendedor. É importante apostar também nas pessoas e não só nas ideias”

“No momento que fui selecionado pelo Rio Criativo a empresa era eu e mais duas pessoas e hoje estamos chegando a 11 funcionários. Quando abri a MobContent, era só eu trabalhando de casa. Graduamos em fevereiro do ano passado e tivemos um amadurecimento em termos de capacitação em todos os âmbitos graças ao programa. Foi uma aceleração para chegarmos aonde estamos hoje e vejo a incubação como um crescimento seguro e rápido.”



FOTOJORNALISMO: Um olhar afiado

JANAÍNA MEDEIROS E GABRYELLA MENDES



A diferença entre um borrão distorcido e uma imagem repleta de luz. Uma fotografia que nada diz em contraste com uma que vale mais do que mil palavras. A fração de segundos é o que define a arte por detrás das belas imagens que estampam jornais e revistas mundo afora. O instante decisivo, uma máxima de Cartier-Bresson, pai do fotojornalismo, revela o olhar do fotógrafo como o centro da obra. Muito além das lentes modernas e máquinas de última geração, é ainda o momento do clique que torna aquele segundo imortal, pra sempre preservado na memória.

Desde seu nascimento, com a primeira foto do francês Joseph Niépce, a fotografia já passou por inúmeras mudanças. As imagens em preto e branco ganharam cor e resolução. Os filmes em negativo deram lugar aos cartões de memória e arquivos digitais. Os profissionais passaram a dividir lugar com amadores manuseando apenas um celular. No entanto, a maior transformação deu-se muito antes das demais, e num sentido mais profundo: as fotos que antes decoravam, ganharam papel de destaque. Passaram a informar, chocar e transformar.

ARFOC

Fundada em 16 de fevereiro de 1946 inspirada na norte-americana National Press Photographers Association (NPPA), a Associação Profissional dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro surgiu com intuito de defender os profissionais da área de todo o tipo de agressão que os impedissem de exercer sua profissão de forma plena. O apoio do então presidente da república Getúlio Vargas foi essencial para a instituição.

Após um período de imponência na área, a associação perdeu um pouco de seu poder de mobilização, resgatado no início dos anos 80 por jovens fotojornalistas que viram na ARFOC uma forma de garantir os direitos dos profissionais. Luiz Carlos David, Antônio Batalha, João Roberto Ripper, entre outros, foram os responsáveis por reorganizar a atuação da entidade. “Eles tomaram a ARFOC de assalto. Eram bons profissionais e com um sentido político muito forte. Conseguiram transformar a associação, que estava vivendo uma fase apenas recreativa, novamente em um órgão profissional”, afirma o presidente Alberto Jacob.

O grupo criou a tabela do preço mínimo para os trabalhos fotojornalísticos, fez inúmeros congressos para os profissionais da área e estabeleceu os critérios para a obtenção de registro profissional, que depende de um parecer da comissão e que se preservam até hoje. Nessa época surgiram também os coletes que identificam os membros da imprensa que cobrem os jogos no estádio do Maracanã.

A ARFOC mantém sua luta em defesa dos fotojornalistas, oferecendo orientação sobre os direitos autorais da imagem, uma grande questão no meio.



A cantora Beth Carvalho pelas lentes do fotojornalista Alberto Jacob



Márcia Foletto captou a infância através do menino soltando pipa em Laranjeiras, no Rio de Janeiro



A foto da Seca no Ceará rendeu a Severino Silva o prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo no ano de 2013

ALBERTO JACOB

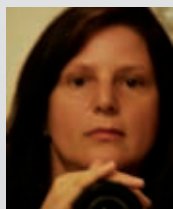


A fotografia está no sangue de Alberto Jacob. Seu pai, do qual herdou o nome e a paixão pelos flashes, consagrou-se como fotojornalista na época de ouro do rádio, quando fotografava para a revista da Rádio Nacional. Entre os negativos e as revelações de filmes realizadas em casa e os compromissos profissionais de seu pai, Jacob se viu encantado com a profissão logo cedo. Aos 17 anos já era responsável pela distribuição do pequeno jornal do bairro de Jacarepaguá, o Bom Dia.

Em 1982, com seu registro profissional em mãos, Jacob ingressou nas redações. Cobriu férias no jornal O Fluminense, em Niterói e trabalhou por um curto período no O Povo. Logo depois tornou-se *freelancer* na revista paulista Visão, sendo contratado seis meses depois e assumindo a coordenadoria fotográfica da revista em terras cariocas até 1991, quando tornou-se presidente da ARFOC, cargo que ocupa até hoje. O fotógrafo também fez parte da diretoria do sindicato de jornalistas de 1995 até 2013.

Jurado dos prêmios Esso e Embratel de jornalismo, trabalha atualmente na MultiRio – Empresa Municipal de Multimeios – onde produz fotos para divulgação e faz reproduções de cenários para os programas transmitidos pela empresa. Jacob, no entanto, sente falta da parte mais factual de sua profissão. “Trabalhei pouco com o que chamamos de *hot news*, que seria o lado mais imediato do jornalismo, e confesso que às vezes sinto falta dessa experiência. Jornalismo sem interferência é mais gostoso”, admite.

MÁRCIA FOLETTO



Rio-grandense de nascimento, dedicou-se a mais de 24 anos a registrar as nuances e inquietações da cidade maravilhosa. “Tive a oportunidade e o privilégio de trabalhar numa cidade tão bonita e complexa como o Rio de Janeiro”, explica. Jornalista diplomada, Márcia Foletto interessou-se pela fotografia ainda na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Iniciou sua carreira como fotojornalista no jornal de sua cidade natal, o A Razão. Antes de chegar à redação do jornal O Globo, em 1991, passou pelos jornais Pioneiro, de Caxias do Sul (RS) e pelo Diário Catarinense, de Florianópolis (SC).

As lentes de Márcia registraram eventos que chocaram o país e o mundo. A chacina da Candelária, em 1993, teve seu horror eternizado nos cliques da fotógrafa. Em 1995, recebeu o Prêmio Finep de Fotojornalismo pela foto de crianças sendo revistadas por soldados do Exército brasileiro enquanto voltavam da escola, na favela Dona Marta, na zona sul do Rio de Janeiro. Ela conquistou ainda os prêmios CNT de Fotojornalismo e o Prêmio Ibccrim de Fotojornalismo.

A exposição individual *Quando o Ofício Encontra a Arte*, inaugurada em 2006 no Rio de Janeiro, reverenciou sua trajetória jornalística e artística. Atualmente na editoria Rio do O Globo, continua cobrindo os assuntos policiais e da cidade em contraste com uma vertente mais artística de seu trabalho. “Tenho buscado um novo caminho na fotografia, mais conceitual e artístico”.

SEVERINO SILVA



Um dos melhores fotógrafos do Brasil, segundo o jornal inglês The Guardian, Severino Silva não imaginava que aquele menino do pequeno município de Pirpirituba, Sertão da Paraíba, estaria na lista dos mais importantes fotojornalistas de conflitos urbanos.

Tudo começou quando Severino, então com 10 anos, mudou-se do nordeste para o Rio de Janeiro. A mudança abriu um novo mundo aos olhos do fotógrafo, que ficava admirado com os jornais que via nas bancas. O primeiro contato com a câmera ocorreu aos 13 anos, quando sua mãe, ao perceber o seu interesse pela fotografia, lhe deu uma Kodak 54x. “Naquela época, demorava uns três dias para revelar. Mas como era possível as fotos dos acontecimentos do dia anterior já estarem no jornal? Isso aguçou a minha curiosidade”.

Aos 18 anos, Severino decidiu pedir um emprego na Infoglobo. Foi admitido como contínuo e, algum tempo depois, passou a ser fotógrafo industrial. Sem desistir do sonho de se tornar um fotojornalista, conseguiu um estágio no Jornal O Globo, passando a trabalhar nas editorias dos jornais de bairro. Severino passou por diversos jornais até chegar ao O Dia, onde trabalha atualmente.

Em sua trajetória profissional, o fotojornalista conquistou prêmios importantes como o concurso fotográfico internacional Nikon, o 6º Salão de Fotografia e Líbero Badaró. Em 2012, foi convidado para a segunda edição do projeto Imagem Sem Fronteiras, onde expôs imagens marcantes de conflitos armados.



Sérgio Moraes registra Policial entre cruzeiros na praia de Copacabana em memória de policiais mortos - 2013

LUIZ MORIER



Filho de peixe, peixinho é, diz o ditado popular. Essa expressão se confirmou para Luiz Morier que, desde criança, visitava a redação do jornal em que seu pai trabalhava. As máquinas datilográficas que rapidamente funcionavam com a chegada de notícias, a gráfica que finalmente deixava o jornal pronto. O minucioso processo deixava Luiz admirado. Não demorou muito para que o Jornalista Max Morier descobrisse que o seu filho ingressaria na faculdade de jornalismo. O que ninguém sabia era que a comunicação escolhida por Luiz não seria em palavras, mas sim através das imagens.

A fotografia entrou na vida de Luiz Morier na adolescência, quando uma tia resolveu presentear-lo com uma câmera. Apaixonado pela natureza, começou fotografando a transformação de uma árvore ao longo das quatro estações do ano. Com o passar do tempo, o interesse pela fotografia foi aumentando, fazendo com que ele entrasse em cursos profissionalizantes. A opção pelo fotojornalismo aconteceu naturalmente, juntando suas duas paixões: o jornalismo e a fotografia.

O primeiro emprego foi no Última Hora, em 1977. Alguns anos depois, foi convidado para trabalhar no JB, passando também pelo O Globo, até chegar a Secretaria de Meio Ambiente, onde pôde fotografar a natureza, tema que ele mais gosta. Durante sua trajetória profissional, Luiz recebeu diversos prêmios. Destacou-se, principalmente, por ganhar dois prêmios Esso com a foto "Todos Negros", em 1983 e "Inferno no Paraíso", em 1993. Atualmente, o fotojornalista trabalha como *freelancer* para várias empresas.

ALCYR CAVALCANTI



Com mais de 45 anos de carreira, Alcyr Cavalcanti usou o seu olhar apurado para mostrar todas as faces do Rio de Janeiro ao longo de sua carreira, fazendo todo o tipo de cobertura. Porém, foram as matérias de conflitos urbanos que destacaram o fotojornalista, o levando a expor seu trabalho sobre a comunidade da Rocinha em um congresso mundial de habitações populares em Paris.

O interesse pela fotografia surgiu na infância, através do pai e do irmão, oficiais da Aeronáutica, que eram fotógrafos amadores nas horas vagas. Por volta dos 20 anos, Alcyr decidiu se matricular em um curso de cinema no Museu de Arte Moderna (MAM), o que o fez querer seguir carreira na produção cinematográfica. Com o alto custo e as dificuldades para produzir filmes, começou a fotografar fatos cotidianos e vender as imagens. O primeiro Jornal a comprar e publicar suas fotos foi O Fluminense. A partir daí, iniciou sua trajetória profissional, trabalhando em diversos veículos de comunicação como o Diário de Notícias, Jornal do Brasil, O Globo e O Dia.

Além da trajetória fotojornalística, Alcyr Cavalcanti é formado em Filosofia e Ciências Sociais pela antiga Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ) e mestre em antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi professor em universidades, atuou em associações de classe, foi diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (SJP/MPRJ) e, atualmente, é diretor da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro (ARFOC).

SÉRGIO MORAES



Nascido em uma família de fotógrafos, Sérgio Moraes pretendia seguir outra carreira: a de jogador de futebol. O que ele não imaginava era que o seu sonho de infância o levaria até a fotografia. Já são mais de 30 anos dedicados ao fotojornalismo esportivo, com passagem pelos principais veículos de comunicação do país.

A decisão de transformar a fotografia em profissão surgiu através de sua primeira experiência na área, quando se tornou assistente de estúdio do fotógrafo Zé Rodrigues. Algum tempo depois, no ano de 1980, Sérgio começou a fotografar de forma independente, se tornando *freelancer* de publicações internas da Editora Abril. A partir daí, o fotojornalista trabalhou nas redações das revistas Placar e Isto É, dos jornais Folha de SP, Jornal do Brasil, O Dia, O Globo e o Lance, até o seu emprego atual, na maior agência internacional de notícias: a Reuters.

Em sua trajetória profissional, Sérgio cobriu os principais eventos esportivos do Brasil e, também, alguns fora do país. Entre eles estão três Copas do Mundo, três Pan-Americanos, cinco Copas América e cinco Olimpíadas. "Em breve serão seis, já que estou confirmado para a próxima, que será a Rio 2016", alegra-se o fotógrafo, que cita a cobertura da Copa do Mundo de 1994 como o momento mais marcante de sua carreira. Apesar de ter realizado diversas coberturas importantes, Sérgio ainda tem um sonho: fotografar a final do SuperBowl, a final do campeonato da principal liga de futebol americano nos Estados Unidos.



"Todos Negros" de Luiz Morier - Blitz policial nos morros cariocas - 1983



Alcyr Cavalcanti foi um dos únicos a conseguir registrar o acidente no Maracanã em 1992

Aruanã,



a tartaruga verde

A atuação do Projeto Aruanã, que monitora as tartarugas verdes nas águas da Baía de Guanabara

LAURA ALONSO

Aproximadamente 70% da superfície da Terra é coberta por água. São mais de 360 milhões de metros quadrados, com áreas que atingem a profundidade de até três mil metros. Toda essa água está distribuída em cinco oceanos, que compõem o nosso planeta e abrigam milhões de espécies de animais e vegetais, muitos ainda desconhecidos pelos humanos. Na contramão, existem certas espécies marinhas não tão conhecidas e exploradas pelos homens, que estão se extinguindo aos poucos. Cerca de 80% dos animais marinhos comerciáveis são considerados ameaçados de extinção. Dentre eles, está a Tartaruga Verde, ou Aruanã, uma tartaruga bastante conhecida dos brasileiros e, principalmente, dos cariocas.

Habitantes dos oceanos Pacífico e Atlântico, essas tartarugas escolheram um lugar peculiar no Rio de Janeiro para viver: a Baía de Guanabara. Além do Rio, Paquetá, Niterói, São Gonçalo, Maricá, Itaguaí, Itaboraí, Duque de Caxias, Maricá, Mangaratiba e Magé recebem essas populações de animais. Para os banhistas dessas regiões não é incomum encontrá-las nadando. “As vezes consigo ver algumas enquanto pratico Stand Up Paddle. Elas colocam a cabecinha

para fora da água e mergulham de volta”, conta João Pedro Jardim, frequentador da praia de Itaipu, em Niterói.

É também na praia de Itaipu que acontece um monitoramento dessas tartarugas feito pelo Projeto Aruanã, que, como se pode supor pelo nome, monitora os animais dessa espécie que residem pelas águas cariocas. Suzana Guimarães, Coordenadora Executiva do projeto, explica que essa tartaruga está em extinção, e, por isso, a importância de monitorá-la. “Apesar de não ser difícil de vê-las nadando na praia, é uma espécie vulnerável e que está ameaçada. Não são muitas, os banhistas veem sempre as mesmas tartarugas que habitam a região.”, conta ela.

Suzana conta que o projeto é uma iniciativa do laboratório ECO-PESCA, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e possui parceria com o Projeto Tamar. Além desses, está sempre em contato com diversos outros projetos que também monitoram a espécie. “Tudo começou a partir da vontade dos estudantes de monitorar essas tartarugas. No início nosso trabalho era só aqui na

praia de Itaipu, quando observamos que elas ficavam presas na rede dos pescadores daqui”, conta ela.

Conforme o projeto foi crescendo, esses alunos começaram a fazer a captura intencional, onde as retiram do mar com ajuda dos pescadores locais, fazem medição, pesam, recolhem uma amostra de tecido para análise genética, fotografam e fazem uma marcação para monitoramento.

O projeto também é acionado pelos moradores dos arredores da Baía de Guanabara quando há animais encalhados, e em casos de espécies mortas. A equipe vai até o local e realiza a necropsia do animal, para descobrir a causa da morte. As principais são por consumo de lixo e plástico. No verão, também são elevados os números de tartarugas mortas por hélices de barcos e lanchas, que, muitas vezes, não respeitam a distância mínima e circulam próximo à faixa de areia

A CAPTURA

O trabalho ocorre no meio da praia. “Quando conseguimos capturar uma tartaruga, muitos banhistas se aglomeram próximo

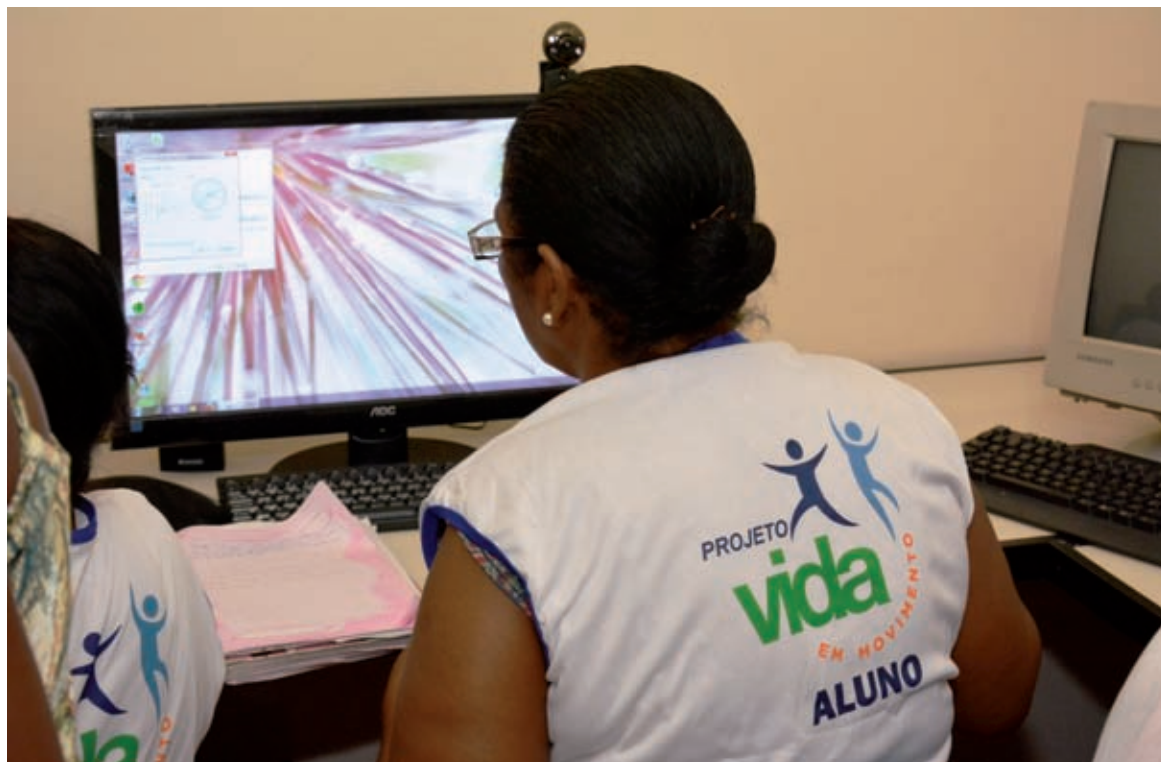
ao cerco que fazemos e observam todo o trabalho”, explica Suzana, que faz questão de afirmar que a rede utilizada pelos pescadores é própria para não machucar os animais. “As pessoas, ao verem nossa atuação, ficam mais conscientes da sua responsabilidade com o mar e os animais marinhos”, diz.

Como o projeto não conta com nenhum patrocínio, em 2014 foi feito um financiamento coletivo na internet que conseguiu arrecadar mais de 100% da meta. As pessoas que ajudaram puderam ganhar o prêmio de “um dia de biólogo”, junto ao projeto. Luis Miguel Ferreira, de oito anos, estava bastante animado com a sua participação. “Eu ajudei eles a cuidar das tartarugas. Desde quando eu vi o projeto aqui na praia, passei a estudar mais sobre esses animais em casa”, conta ele, que já pensa em ser biólogo.

Os moradores dessas regiões da Baía de Guanabara podem entrar em contato com o projeto através da página do Facebook, caso vejam alguma tartaruga morta ou encalhada. O endereço é: www.facebook.com/ProjetoAruana □



Fotos: Divulgação / Projeto Aruanã



SEM MEDO DO COMPUTADOR

Laura Alonso

Pense como será sua velhice. Oitenta e tantos anos, uma cadeira de balanço, tricô, ou quem sabe futebol de botão com os netos. Uma calma-ria, correto? Se for isso que você imaginou, saiba que, atualmente, muitos idosos buscam o oposto. Smartphones, internet, computadores, impressoras e câmeras digitais não são mais o bicho de sete cabeças da terceira idade. Hoje eles trocam emails, sabem mexer no Whatsapp e marcam presença no Facebook. E sabe aquela deliciosa receita que a vovó prepara aos domingos? Pois é, agora há uma probabilidade de ela ter sido buscada no Google.

Um projeto da prefeitura de Itaboraí, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, está, cada vez mais, possibilitando esse cenário para os idosos da região. Preocupados com a saúde mental e física dos mais velhos o Projeto Vida em Movimento atende e oferece aulas de informática gratuita para aqueles que atingiram a melhor idade na região.

“Muitos chegam aqui com medo do computador”, diz Priscilla Alves de Medeiros, professora do curso de informática. Ela conta que, nos três anos em que dá aula, já atendeu aproximadamente 600 alunos. “Logo no primeiro dia, apresento para eles as peças do computador e coloco no quadro a função de cada coisa. Logo depois eles já começam a ter o contato com a máquina, aprendem funções que estimulam a coordenação motora e coisas que vão utilizar no dia a dia, como o Word ou o Google, para procurar uma receita”, diz.

Muito além do simples “estar conectado”, aprender a usar o computador é uma atividade

que interfere positivamente na autoestima dessas pessoas. O medo de errar é o principal motivo para fazê-los desistir nos primeiros dias de aula. “Depois que eles ultrapassam essa barreira, as coisas ficam mais fáceis e eles acabam se interessando mais”, explica ela. “Muitos entram com uma carência muito grande, sentem falta da atenção dos filhos, muito deprimidos. Quando terminam o curso, eles estão com a autoestima muito elevada e aprendem que não podem se prostrar diante dos problemas”, conta.

Para Ana Cardozo, coordenadora do Vida em Movimento, a principal função do projeto é dar uma “utilidade” aos idosos, além de atenção e criação de novos laços de amizade. “A gente trabalha muito o corpo-a-corpo com os alunos. Nós procuramos incentivá-los, mostrar que mesmo quando o aluno tira uma nota baixa, ele já é um vencedor só de vir até aqui e tentar aprender coisas novas nessa idade. Demonstramos para eles que eles tem muito valor para nós”, explica ela.

Dona Maria Dalva de Castro, aos 70 anos, está aprendendo a mexer no computador. Ela conta que através do email consegue mandar mensagens para seus familiares e até fazer novos amigos. “Comprei um notebook para mim e agora quero conversar com as minhas amigas e parentes de longe. Eu não conhecia nada de computador e tinha muito medo”, conta ela, que também possui um smartphone e está aprendendo a mexer em todas as funções. “Agora eu tenho Whatsapp, tiro fotos e mando para as minhas amigas. Já aprendi tudo isso”, diz, orgulhosa.

A idade mínima para participar do projeto é de 50 anos, mas não há limite etário □

SERVIÇO

Endereço: Rua Vicente Celestino, nº 4, Quadra B, Lote 122, Centro - Itaboraí
 Telefone: (21) 3 6 3 9 - 1 5 3 5
 Funcionamento: De segunda à sexta-feira, das 8 às 17h.
 Aulas: De segunda à quinta-feira, nos turnos da manhã e da tarde; cada turma tem aula duas vezes na semana, com 2h de duração cada.

Fotos: Antonio Schubert



Sede da antiga fábrica de chocolates Bhering tornou-se porto para a criatividade se ancorar em suas mais diversas formas

Foto: Soraya Alburquerque



A fantástica fábrica de «Choco larte»

MAGNO NAVARRO

Barras de chocolate, café torrado, balas e bombons deram lugar para pincéis, telas, fotografias, esculturas e muita arte. Assim é possível definir o passado e o presente do histórico prédio da antiga Fábrica Bhering. Uma construção imponente, com seis andares e quase 20 mil metros quadrados, localizada no bairro de Santo Cristo, na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente o espaço funciona como um verdadeiro centro de convergência e produção artística, com ateliês de desenho, pintura, esculturas, casa de cerâmica, estúdios fotográficos, lojas de móveis artesanais e até uma editora de livros.

Basta andar com um pouco mais de atenção pelas ruas do bairro para ver sua antiga chaminé e sua torre com quatro relógios. Em cima, o globo grená no formato da logo da Bhering Produtos Alimentícios S/A. Mesmo deteriorados pelo tempo simbolizam a sobrevivência de um local histórico para o Rio de Janeiro. O prédio ocupa um quarteirão inteiro da Rua Orestes. Durante cerca de 50 anos a Fábrica Bhering foi um dos principais polos de produção de café, chocolate e bombons do Brasil, tendo sido oficialmente desativada no início da década de 90.



Os anos se passaram e uma perguntava pairava no ar e na cabeça dos proprietários: o que fazer com o gigantesco espaço? O fato de estar localizada em um bairro antigo, com ruas estreitas e de acesso relativamente complicado para manter uma atividade industrial (principalmente para caminhões) trazia o receio de que a fábrica se tornasse um verdadeiro elefante branco. A primeira saída pensada por Ruy Barreto, proprietário da fábrica desde os anos 70, foi alugar os espaços principalmente para depósitos. Os mais de 10 anos de inativação haviam transformado a atmosfera do lugar, que ganhou ares de abandono, típico de filmes de terror. Algo que afastava alguns e atraía outros. “As pessoas se assustavam quando chegavam aqui. No início, cada um pagava quanto podia pelo aluguel. E a estrutura atraiu até produções de filmes e novelas. Aqui filmaram ‘Olga’ e ‘Meu nome não é Johnny’, por exemplo”, conta Ruy.

Era a primeira centelha de que a arte redefiniria a utilização do prédio. A chama se acenderia de vez com a chegada do artista plástico Eduardo Garcia, em 2005. Dudu Garcia, como é conhecido, montou o primeiro ateliê fixo sem saber que, com isso, estaria criando um movimento que transformaria a Fábrica Bhering no que ela é hoje: um centro de produção de arte. “Eu tinha um ateliê na Lagoa (Zona Sul) e precisava mudar. Por um acaso encontrei o Ruy Barreto, que é meu amigo de infância, numa viagem para a Bahia. No avião, conversamos sobre essa situação e ele me ofereceu um espaço na Bhering. Quando conheci o espaço, achei excelente e mudei pra lá”, conta Dudu, que é dono do maior ateliê da Fábrica. Mas o processo de ocupação não se deu de forma rápida. “Era o único artista até 2009. Eu cheguei a levar algumas pessoas a conhecer

o lugar, mas não deu certo. Só depois perceberam que seria um bom lugar de trabalho”. Aos poucos e de uma forma espontânea, os espaços foram sendo alugados por artistas de diferentes vertentes. Hoje, o que mais chama atenção é que os artistas dividem seus ateliês e estúdios com o maquinário original da fábrica. Ao andar pelos corredores, é possível se deparar com caldeiras, fogões, tanques e temperadeiras.

Hoje, o que mais chama atenção é que os artistas dividem seus ateliês e estúdios com o maquinário original da fábrica.

Com um trabalho intimamente relacionado ao meio ambiente e ao uso de materiais reciclados, a artista plástica Carina Bokel vê inspiração para os artistas nos ares da antiga fábrica de chocolate. “Meu trabalho casa com a situação da reciclagem que houve aqui. Eu acho a fábrica linda!”, afirma. Carina, que chegou no início de 2010, explica o *boom* que impulsionou de vez a ocupação do prédio. “Eu precisava de um ateliê e o Jorge Garcia, irmão do Dudu, me indicou a Bhering. Praticamente todos vieram pra cá assim, pelo

boca a boca. Os artistas vinham para cá atraídos pelo aluguel mais em conta e isso se acelerou com a questão do Porto Maravilha, que incentivava trazer o centro da cidade novamente para a Zona Portuária. Do fim de 2010 para 2012, o prédio já estava todo ocupado”, conta a artista que é uma das fundadoras do Café da Fábrica, no terceiro andar, inaugurado em abril de 2014.

É o caso também da fotógrafa Soraya Albuquerque, que chegou em 2011 após ler uma matéria em jornal sobre a Fábrica. Foram cinco meses construindo o ateliê, subindo paredes e portas em um dos espaços. Sonhadora, como gosta de dizer, a jovem de 28 anos busca com as imagens trazer uma indução imediata a sensibilidade quase sempre relacionadas a figura feminina e a conexão do corpo com o espaço. Ela acredita que a interação com outros artistas traz novas perspectivas de trabalho. “Essa pluralidade é o grande atrativo da Bhering. As trocas existem entre núcleos de afinidade, o que acredito ser comum em lugares com muitas pessoas tão diferentes como no nosso caso. Cresci muito como artista nessa imersão que a Fábrica me proporcionou”, conta. A mudança de ateliê no ano passado e a parceria com a também fotógrafa Patrícia Stagi gerou a ideia de fazer do espaço de criação um lugar aberto ao trânsito e diálogo de pessoas interessadas em fotografia e arte. Hoje, o chamado Atelier Branco organiza exposições e abre espaço para residências artísticas em parceria com diversos artistas e eventos de artes do Brasil e do mundo. “A ideia é usar todo o potencial sensorial e criativo da Fábrica Bhering para novos artistas através da nossa iniciativa”.

E quando se fala da diversidade de artes que movimentam o local, abre-se um grande leque de artis-



A história da Bhering

Para entender a história, é preciso fazer uma viagem ao passado. Mais precisamente à época do Brasil Império. Por sua qualidade, a Bhering se tornou fornecedora oficial da Família Imperial, posto que manteve até o fim da monarquia no país. Em 1934, há o que muitos consideram como marco no processo de industrialização brasileira: pela primeira vez o Brasil teria uma fábrica de café torrado e moído, chocolates e bombons. Muitos devem se lembrar das guloseimas produzidas pela marca, como as famosas Balas Boneco e Toffee além do tradicional chocolate em pó. Adquirida na década de 70 pelo empresário mineiro Ruy Barreto, a fábrica começa seu declínio no final da década de 80 com a recessão da exportação de café. Conta Ruy que diversas tentativas de manter a produtividade do local foram feitas, como a produção de bolinhos, doces e merenda escolar para as escolas públicas, estratégia que fez sucesso até a suspensão dos contratos pelo Plano Collor, em 1990.



As artes plásticas estão fortemente representadas com, além dos artistas já citados, outros como Jorge Vasconcellos, Maria Eugênia Baptista e René Machado. No terraço do prédio, a literatura tomar forma na Fábrica com a Editora Bolha, especializada em títulos traduzidos e na publicação de obras de novos autores brasileiros. Lá também é sede da *Tech Art Lab*, selo multimídia colaborativo que abre novas possibilidades de comunicação, produção e divulgação da arte contemporânea brasileira e internacional. O selo é utilizado onde há relevância cultural e na representação de novos e já estabelecidos artistas.

O FUTURO DA FÁBRICA BHERING

Atualmente são cerca de 70 artistas no prédio. Administrador da Fábrica desde dezembro de 2009, Luiz Felipe Lins explica a importância do local no cenário da arte, não só no Rio. “A Fábrica Bhering se tornou referência no cenário da arte contemporânea, não apenas aqui no Rio, mas em todo o país. Somos hoje um polo de expressão artística, se não o mais, um dos mais importantes, principalmente pela espontaneidade como se deu. Fazemos parte do roteiro da *Rio Art Fair*, uma das maiores feiras de arte do mundo. Estamos virando uma marca forte neste sentido”. Não à toa a Fábrica foi tombada pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro como patrimônio histórico e cultural, em 2012.

Além da *Rio Art Fair*, a Bhering também participa da *Semana Design Rio*, quando abre suas portas ao público com o evento “Fábrica de Portas Abertas”. Além deste, em 2014 foi criado o “Em Torno da Fábrica”, um projeto onde os artistas recebem moradores da região para dar oficinas gratuitas de dife-

rentes estilos estéticos, como artes plásticas, fotografia e culinária. A iniciativa da artista plástica Maria Eugênia Baptista foi contemplada com o Prêmio Porto Maravilha Cultural. O objetivo é fortalecer a relação entre os moradores, artistas e todos os profissionais que ali se encontram, dando prioridade a utilização de mão de obra local.

Com uma bela vista para a Baía de Guanabara, do alto do seu ateliê no quinto andar, o artista visual René Machado sintetiza o espírito que a Fábrica Bhering tem: o de unir passado, presente e futuro. “São conjunções que agregam. Uma é estar em um prédio do período industrial, da década de 30 com características únicas. E a outra é a possibilidade da proximidade com vocações espontâneas de artistas contemporâneos onde a multidisciplinaridades nos dá oportunidade de olhar os outros trabalhos, produções, *expertises*. É bom ter aqui outras pessoas produzindo, cria-se uma troca interessante. Só vamos conseguir mensurar se realmente somos uma geração de artistas que criou uma corrente daqui a 20 anos. Enquanto isso, continuamos trabalhando”, conclui René. Fica então a torcida para que nos próximos 20,30 ou 40 anos a Fábrica Bhering continue a pleno vapor □

SERVIÇO

Endereço: Rua Orestes, 28, Santo Cristo – Rio de Janeiro
Telefone: (21)2223-2477
www.fabricabhering.com



“Se tu não quer...” tem quem queira

LAURA ALONSO

SERVIÇO

Showroom: Rua do Rosário nº 172, sala 602,
Centro do Rio de Janeiro
Site: www.temquemqueira.org.br

Aquilo que antes era resíduo, se transforma em moda. Pessoas que a sociedade historicamente pouco valoriza, tornam-se protagonistas. Esta é a receita da TemQuemQueira, empresa social que já reciclou aproximadamente, desde 2008, mais de 150 mil metros quadrados de lona vinílica de banners, telas ortofônicas e fundos de palco. Este material, que iria parar no lixo, levando cerca de 300 anos para se decompor, passa, então, a ser matéria prima para produtos exclusivos, como mochilas, bolsas e diversos produtos com design arrojado e único.

A ideia surgiu após Adriana Gryner, presidente da ONG - que também possui uma agência de eventos corporativos - observar que, ao final da festa, sobravam muitos banners. “É um material muito tóxico, formado de nylon, tinta e plástico, e não pode ser reciclado por não existir uma tecnologia que faça ele retornar para o seu estado natural”, explica Adriana. Além disso, não há no Rio de Janeiro uma política de descarte correto do material, ou seja, a melhor solução é mesmo reutilizá-lo na forma de outros produtos.

As lonas são retiradas dos eventos, lavadas, cortadas em um

formato padrão estabelecido pela própria ONG e estocadas, esperando para serem transformadas. Em uma mesa grande, elas são esticadas e cortadas uma a uma. O trabalho manual de corte é feito para aproveitar a melhor área de desenho para aplicar na peça. Após, são costuradas, finalizadas e postas a venda no site e no *showroom* da organização. Esse trabalho rendeu a TemQuemQueira o prêmio Rio Sociocultural, em 2009; o prêmio Socio Ambiental Benchmarking Brasil, em 2011; e o prêmio Cidadão Socialmente Responsável, em 2014.

O LADO SOCIAL

Até a TemQuemQueira completar o ciclo de transformação do lixo em acessório de moda, todo esse material é trabalhado pelas mãos de detentos, em regime fechado, semiaberto ou condicional, que trabalham nas três oficinas da ONG. “Nós oferecemos essa chance de um recomeço, de uma inserção socioeconômica, de fazer parte de uma equipe, de uma empresa, independente de ter cometido algum deslize na vida ou de nunca ter tido uma oportunidade”, conta Adriana

Os detentos são beneficiados não só com salário, como com redu-

ção de pena. Todos são contratados de acordo com as normas do CTL e do regime trabalhista. Toda a mão de obra dos presidiários é feita sob o intermédio da Fundação Santa Cabrini, que realiza uma triagem e seleciona os presos que irão trabalhar na organização. “Nunca tivemos nenhum caso de mau comportamento, roubo, desvio ou agressão. E nossos funcionários utilizam ferramentas como tesouras, facas, estiletes e agulhas”, explica Adriana, que mostra confiança nos seus funcionários.

A ONG conta hoje com três oficinas: uma no centro, na Rua do Rosário, que conta com mão de obra de detentos em regime aberto, semi-aberto e liberdade condicional ou monitorada; outra no Rio Comprido, na comunidade pacificada do Turano, onde trabalham os moradores da comunidade; e mais uma em Niterói, na Penitenciária Vieira Ferreira Neto, para detentos em regime fechado.

Luiz Oliveira da Costa tem 59 anos e seis anos de TemQuemQueira. Ao ser chamado para trabalhar como costureiro, na época que ainda cumpria pena na Penitenciária Vieira Ferreira Neto, estranhou. Sua função anteriormente era a de motorista. Com forte sotaque nordestino, Luiz conta que transportava drogas em um caminhão, de São Paulo até o Rio Grande do Norte, sua terra natal. Até que em uma de suas viagens foi pego na Polícia Rodoviária Federal em Itatiaia, interior do Rio de Janeiro. Preso, começou participar do projeto e aprendeu a cortar e costurar. Todos os detentos são capacitados pela TemQuemQueira para poderem exercer suas funções. Mas os ensinamentos vão além da mão de obra. “Eu agradeço muito por terem me tirado da vida do crime. Hoje tenho uma condição muito melhor que antes, principalmente para cuidar dos meus filhos. Levo uma vida muito mais tranquila”, conta ele.

Luiz ainda incentiva os outros funcionários a aproveitarem a oportunidade que eles recebem. “Sempre digo para as meninas que iniciam aqui para fazerem seu máximo. Se ganha muito mais fazendo o certo do que com as escolhas erradas”, diz ele, que irá aproveitar suas férias para rever a família, que ficou no Nordeste □

SERVIÇO

Showroom: Rua do Rosário nº 172, sala 602, Centro do Rio de Janeiro
Site: www.temquemqueira.org.br



Foto: Laura Alonso



Foto: Magaly Botafogo

O trabalho da TemQuemQueira, ONG carioca que já retirou mais de 150 mil m² de lona vinílica das ruas



Foto: Laura Alonso

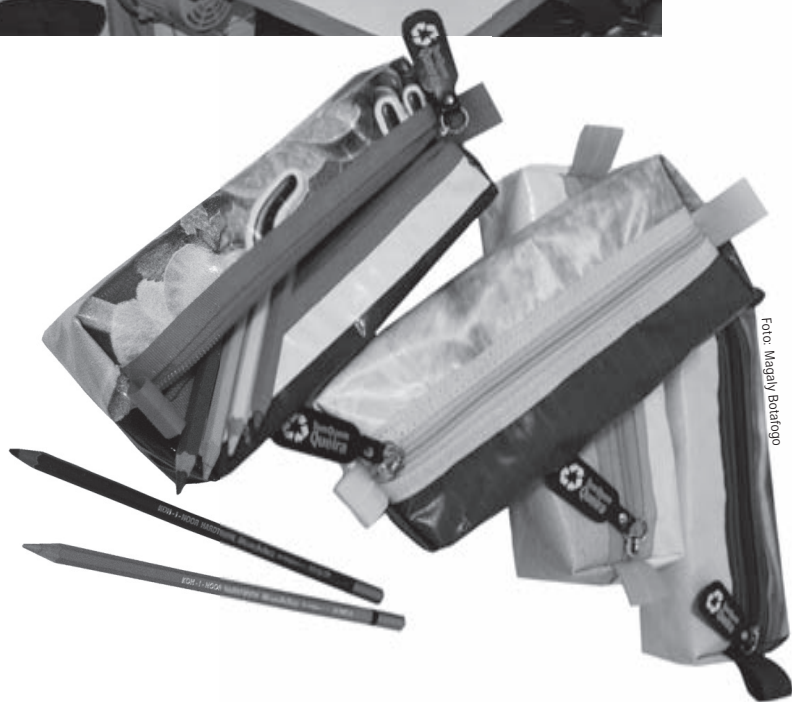


Foto: Magaly Botafogo

HEMORIO
70
ANOS

Fotos: Divulgação/ Hemorio



SEJA UM VOLUNTÁRIO

A solidariedade dos voluntários ajuda a salvar vidas

MARIO BRIZON

O Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti (Hemorio) chega aos seus 70 anos com uma história de luta, dedicação, solidariedade, profissionalismo e, acima de tudo, salvando milhares de vidas. Não são poucos os casos de vidas que foram preservadas e de pessoas que fazem o maior esforço para serem doadoras. Assim como é virtuoso o trabalho de uma equipe incansável de profissionais que se dedica dia a dia para não deixar faltar sangue àqueles que necessitam. O Hemorio é um hospital de referência no país e, além de coleta e distribuição de sangue, possui internação para doenças relativas ao sangue.

O reconhecimento internacional e realização de campanhas periódicas são fatores motivadores da instituição, que trabalha todos os dias da semana para atender a demanda de fornecimento de sangue para cerca de 200 unidades de saúde em todo o Estado do Rio de Janeiro.

Diante de todo este esforço, o Hemorio ainda tem uma capacidade diária ociosa de coleta de sangue, já que pode atender a 600 pessoas por dia, contra uma média de 300 doadores. “Os brasileiros não possuem o hábito de doar sangue regularmente. Menos de 2% da população o faz continuamente”, explica a diretora geral do Hemorio, Simone Silveira.

Para amenizar este cenário, o Instituto realiza campanhas sistematicamente e conta com o apoio do trabalho de voluntários, de artistas que ajudam a sensibilizar para a doação e da própria mídia que ajuda na divulgação.

A prevenção também é alvo do Hemorio que conta com alguns programas, como o Jovem Salva-Vidas, iniciado em 1996, que atua junto às escolas de Ensino Fundamental e Médio das redes pública e particular do Estado. O objetivo é a proteção da saúde dos jovens, agindo na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, hepatites e outras situações de risco.

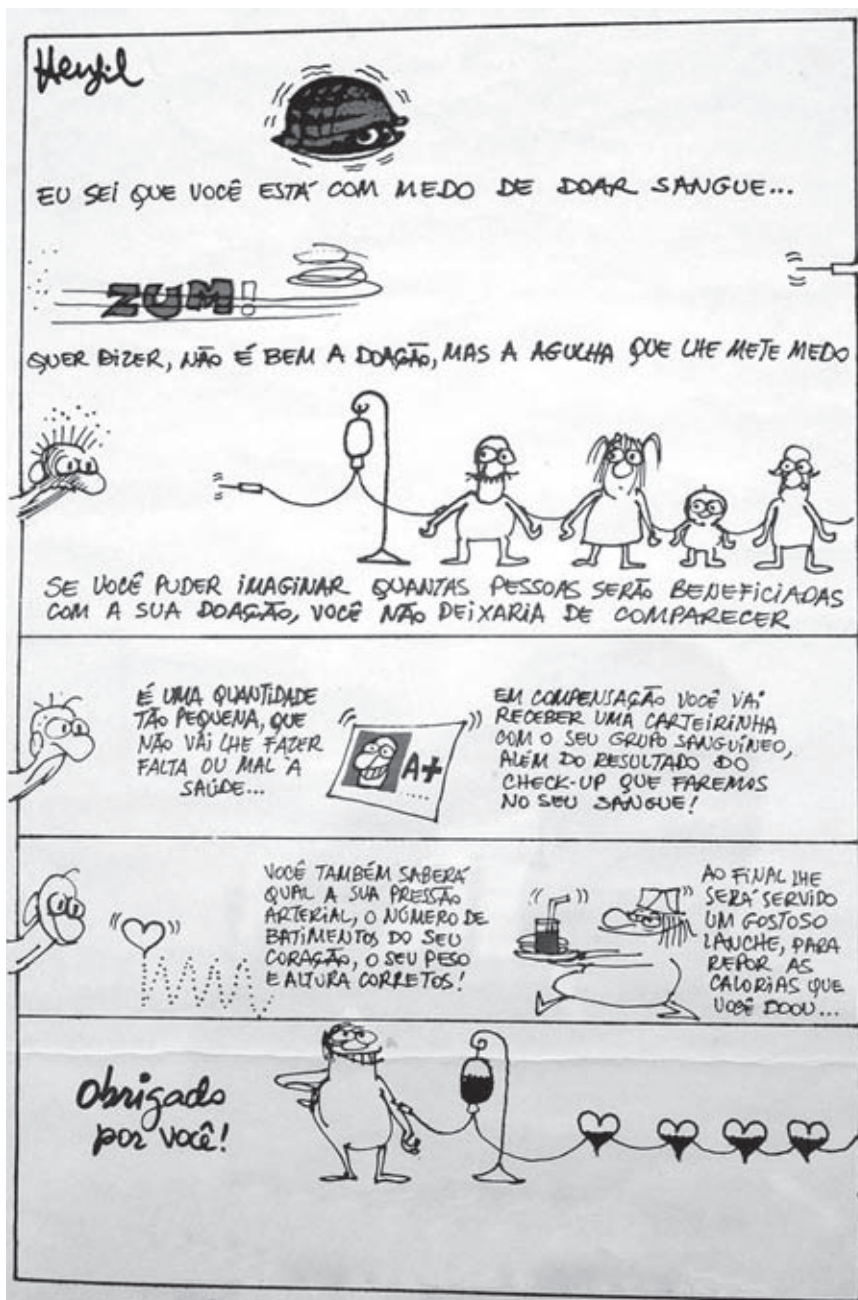
Há também a Semana Comemorativa pelo Dia

Nacional do Doador Voluntário de Sangue, na última semana de novembro, com o Dia Nacional comemorado em 25 de novembro. “Neste período, os hemocentros de todo o Brasil realizam uma campanha que dura toda a semana como forma de agradecer aos doadores que costumam doar sangue durante o ano”, reitera a diretora.

E o engajamento do voluntarismo é mais uma ferramenta que ajuda o Instituto nos seus objetivos. “Temos um grupo de voluntários atuando dentro e fora da instituição, mas sempre é necessário incrementar ações que envolvam o bem-estar dos pacientes em tratamento. Portanto, quanto mais pessoas ajudando, melhor. O Hemorio sempre está precisando de novos voluntários para atuar em diversas frentes e atividades institucionais”, convoca Simone.

SANGUE NÃO SE FABRICA

O Hemorio possui 100 mil pessoas cadastradas como doadores, no entanto, nem todos fazem doação com regularidade. “Se cada um dos 100 mil cadastrados fizesse uma doação por ano, todos os nossos estoques estariam abastecidos”, avalia a chefe do Setor de Promoção de Doação de Sangue, Neusimar Carvalho. De acordo com ela, a população atende aos chamados e às campanhas, mas ainda não se imbuíu de que a doação de sangue deve ser feita com regularidade, dentro da rotina da vida das pessoas. “A necessidade é muito grande. O sangue não se fabrica, só existe uma forma de obtê-lo, através da coleta e doação. Existem mais de 100 subgrupos de tipos de sangue, além das famílias A, B, O”, explica.



Henfil foi um dos mais importantes cartunistas brasileiros e colaborador das campanhas para doação de sangue

PERFIL DO DOADOR

O perfil do doador do Hemorio é predominantemente masculino, entre 29 e 35 anos. Neusimar explica que há 11 anos é feita uma campanha para incentivar a doação junto às mulheres, mas o resultado ainda não é expressivo. “Saltou de 28% para 33%”, informa. “Também temos um ônibus que se desloca para diversos lugares para fazer a coleta. Possuímos a Caravana Solidária, que acontece quando é possível juntar um grupo mínimo de 15 doadores. Quando isso ocorre, mandamos nosso ônibus buscá-las, desde que dentro de um raio de 60 quilômetros”. Ela conta também que empresas e faculdades organizam grupos de doadores.

Todos os dias, há 27 anos, Maria José dos Santos, a enfermeira Zezé, de 61 anos de idade, realiza a coleta de sangue de dezenas de pessoas no Hemorio. Tem público fiel e inúmeros amigos e trata a todos com o carinho. Bem humorada e falante, não há doador que esteja tenso que não consiga relaxar diante dela. “Doador é que nem criança.

A gente conversa, acalma, tranquiliza e sai tudo bem". Enquanto atendia duas pessoas à sua maneira, ela disse que o ato de doar sangue é o mais nobre de todos. "Uma bolsa de sangue vale mais do que ouro. Sangue salva vidas, ouro não", define ela com a precisão e a simplicidade de uma profissional que entende o real valor da doação de sangue.



DOAR NÃO ENGORDA

Mesmo com todas as campanhas de esclarecimento realizadas pelo Hemorio, persistem no imaginário popular alguns mitos que acabam por afastar os potenciais doadores. Qualquer pessoa que tenha entre 16 e 69 anos e tenha boa saúde pode ser um doador voluntário. O principal temor ainda é o medo da agulha. Entretanto, existem vários mitos que há décadas se constituem como inverdades: "doar sangue engorda" ou "emagrece", "afina o sangue", "engrossa o sangue", "quem doa uma vez é obrigado a doar sempre", "que existe o risco de se contrair uma doença infecto contagiosa na hora da doação".

Nada disso é real, atesta o Hemorio, que acrescenta que não existe a possibilidade de um doador contrair uma doença durante o ato, pois todo o material utilizado é descartável e a doação de sangue não faz com que existam anormalidades na estrutura sanguínea. Todo material coletado passa por controle de qualidade de padrões internacionais, e é testado nos laboratórios.

SOLIDARIEDADE QUE FAZ A DIFERENÇA ENTRE A VIDA E A MORTE

Há inúmeros exemplos de cidadãos que se dedicam a salvar vidas, doando sangue várias vezes por ano e há também casos de pessoas que tiveram suas vidas salvas, depois de muita luta, esforço, trabalho dedicado e esperança. Um dos doadores voluntários mais emblemáticos é o taxista Rômulo da Silva, de 58 anos. Desde abril de 1996, ele faz uma doação mensal de aférese (tipo de coleta de apenas um componente específico do sangue, no caso dele, plaquetas). "Não sei explicar bem o motivo de fazer do-



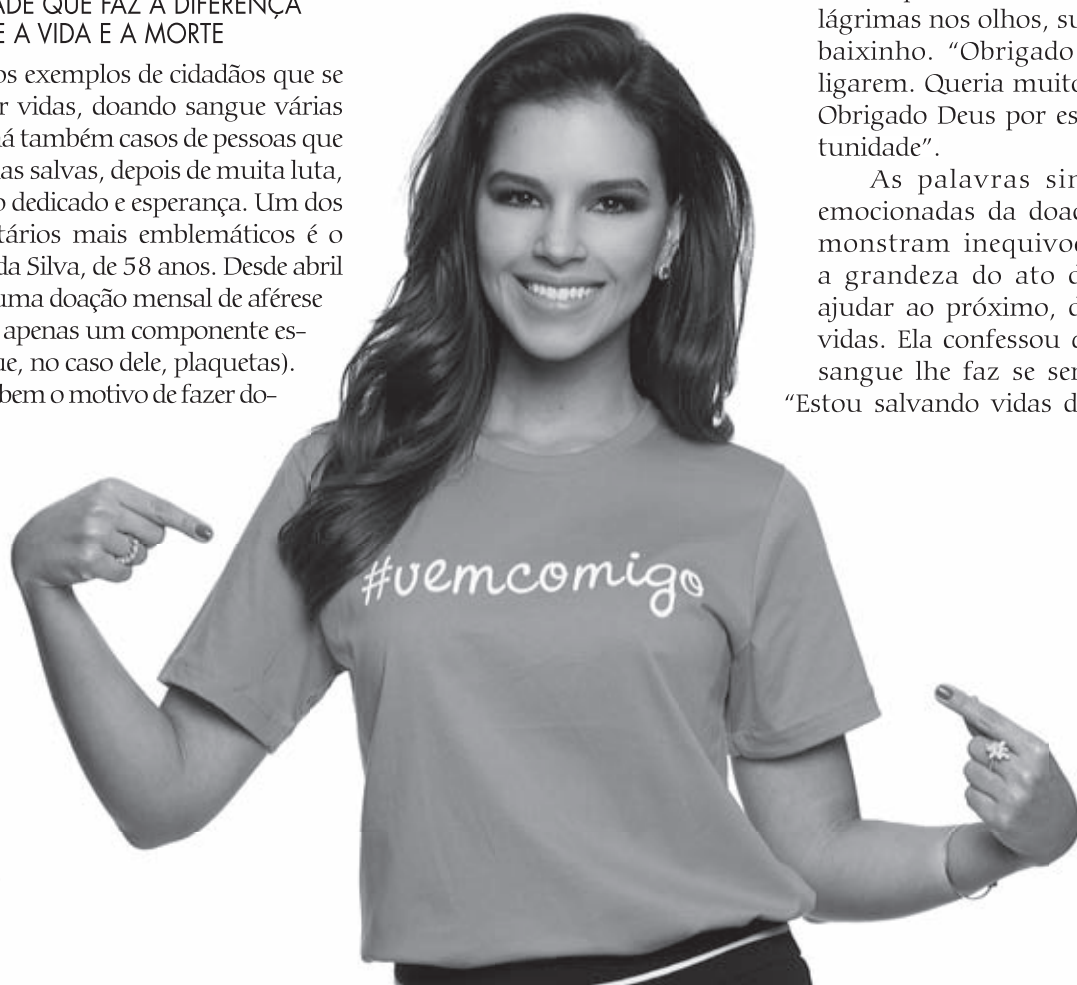
Acima registro dos primeiros momentos do atual Hemorio

ação com essa frequência. Para mim é uma coisa natural. Sinto falta quando não faço", explica.

Ele conta que antes do Hemorio, fazia doações para a extinta Casa do Hemofílico. Sua relação com o Instituto começou a partir de uma notícia que ouviu no rádio do seu taxi quando um ônibus foi abalroado por um trem na Baixada Fluminense, em 1996, provocando muitas vítimas. "Ouvi o apelo para a doação. Corri para o Hemorio e nunca mais deixei de doar". Ele revela também que doar faz parte da sua rotina. "Criei um vínculo com as pessoas do Instituto. Há uma carência grande de doadores que se comprometam. É preciso ser solidário".

A reportagem de 'O Prelo' flagrou momentos de emoção quando visitou o Hemorio. Um deles foi o encontro de uma doadora cadastrada que foi convidada a doar para um menino de quatro anos de idade que precisava do tipo sanguíneo dela. Após a doação, Rosemeri de Souza Rabelo, operadora de caixa de supermercado, de 37 anos, recebeu um abraço carinhoso de Neusimar Carvalho, a chefe do Setor de Promoção de Doação de Sangue. Pudemos ouvir quando Rosemeri, com lágrimas nos olhos, sussurrou baixinho. "Obrigado por me ligarem. Queria muito ajudar. Obrigado Deus por esta oportunidade".

As palavras sinceras e emocionadas da doadora demonstram inequivocamente a grandeza do ato de poder ajudar ao próximo, de salvar vidas. Ela confessou que doar sangue lhe faz se sentir útil. "Estou salvando vidas de outras

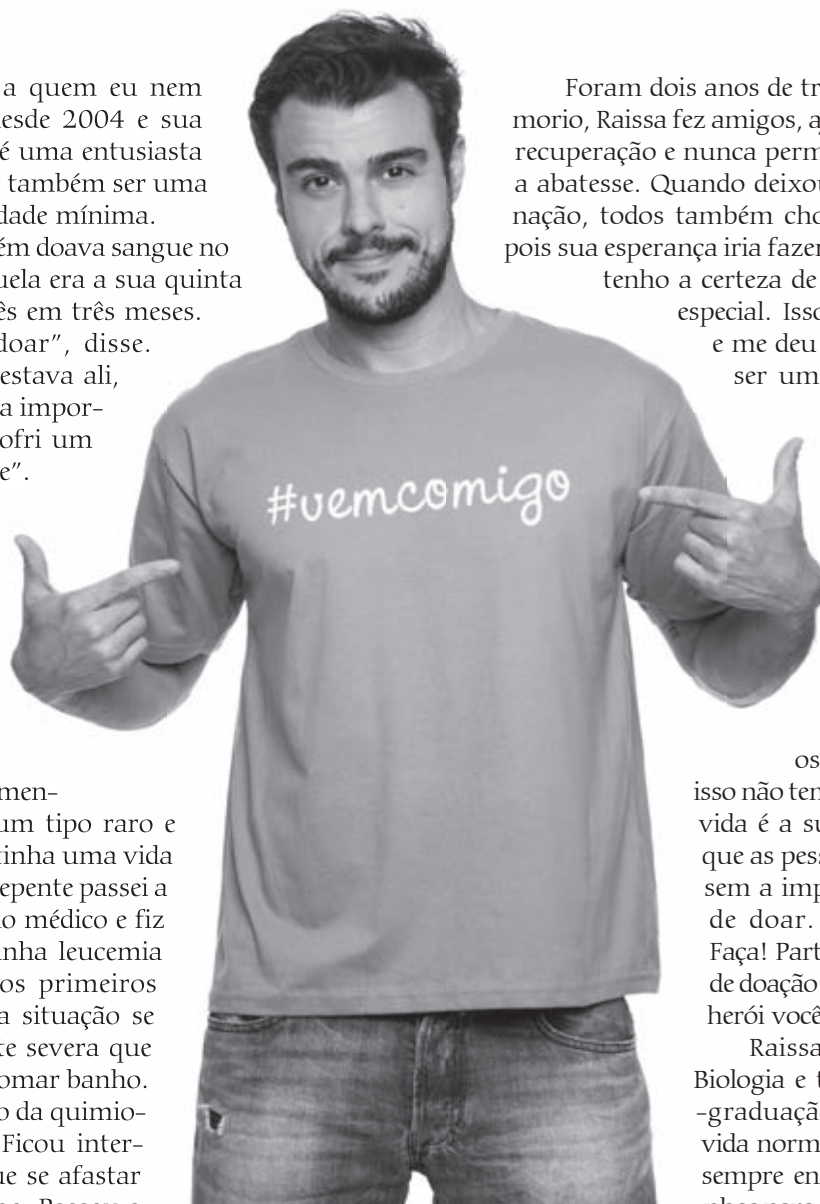


peças e estou ajudando a quem eu nem conheço". Ela é doadora desde 2004 e sua filha, de 13 anos, também é uma entusiasta desta atitude e que pretende também ser uma doadora quando atingir a idade mínima.

Luis Cláudio, que também doava sangue no mesmo dia, contou que aquela era a sua quinta doação. Venho agora de três em três meses. Não vou parar mais de doar", disse. Perguntado sobre por que estava ali, ele disse: "Entendi o valor e a importância da doação quando sofri um acidente e precisei de sangue".

Na outra ponta da tênue linha que separa a vida da morte, mas que une solidariedade e esperança está Raissa Azevedo, moradora da cidade de Cabo Frio, na Região dos Lagos. Em setembro de 2002, aos 25 anos, ela viu sua vida mudar drasticamente ao descobrir que tinha um tipo raro e agressivo de leucemia. "Eu tinha uma vida agitada, muito corrida. De repente passei a sentir muito cansaço. Fui no médico e fiz os exames. Descobri que tinha leucemia linfóide aguda". Depois dos primeiros três meses de tratamento a situação se agravou com uma mucosite severa que a impedia de comer, falar, tomar banho. Ela emagreceu e com o início da quimioterapia perdeu os cabelos. Ficou internada no Hemorio e teve que se afastar da família, amigos e trabalho. Passou a se comunicar com parentes através de um caderninho onde descrevia seu dia a dia do doloroso tratamento. Realizou incontáveis transfusões de sangue e em todos os procedimentos, por mais sofridos que fossem, sempre sorria. Ela conta que muitas vezes tinha vontade de chorar e ficar triste, mas quando lembrava de toda a equipe que a tratava tão bem e que se dedicava com tanto carinho, acabava trocando as lágrimas pela esperança. Lembrava também dos doadores de sangue voluntários, que realizavam esse gesto mesmo sem saber a quem estavam realmente ajudando, e sua esperança se revigorava.

Raissa recorda as muitas vezes em que ficava aguardando a chegada do seu tipo de sangue, mas ele não vinha, pois faltavam doadores. Nesses momentos, as horas insistiam em ser mais longas do que de costume. "Quando o sangue chegava e os médicos e enfermeiros faziam a transfusão, parecia que a alegria estava voltando para dentro de mim novamente e, enfim, eu chorava muito, mas de alegria", relata.



Foram dois anos de tratamento. No Hemorio, Raissa fez amigos, ajudou pacientes na recuperação e nunca permitiu que a tristeza a abatesse. Quando deixou o setor de internação, todos também choraram de alegria, pois sua esperança iria fazer muita falta. "Hoje tenho a certeza de que essa doação é especial. Isso me transformou e me deu a oportunidade de ser uma nova pessoa, de ter uma nova compreensão da vida. Quando olho uma flor, ela é muito mais bonita. Quando eu respiro, é muito mais prazeroso. Quando olho as pessoas, os amigos, a família, isso não tem preço. A beleza da vida é a superação. Gostaria que as pessoas compreendessem a importância e o valor de doar. Digo para você: Faça! Participe da campanha de doação de sangue! Seja um herói você também!"

Raissa fez faculdade de Biologia e terminou sua pós-graduação. Hoje tem uma vida normal e saudável e está sempre engajada em campanhas para incentivar a doação de sangue □

SERVIÇO

Endereço: Rua Frei Caneca, nº 8, Centro, Rio de Janeiro, RJ
Funcionamento: todos os dias, de 7 às 18 horas, inclusive finais de semana e feriados
Telefones: (21) 2505-0750 / 6750
Disque Sangue: 0800-282-0708
E-mail: doasangue@hemorio.rj.gov.br
Site: <http://www.hemorio.rj.gov.br>
Facebook: <https://pt-br.facebook.com/hemorio>

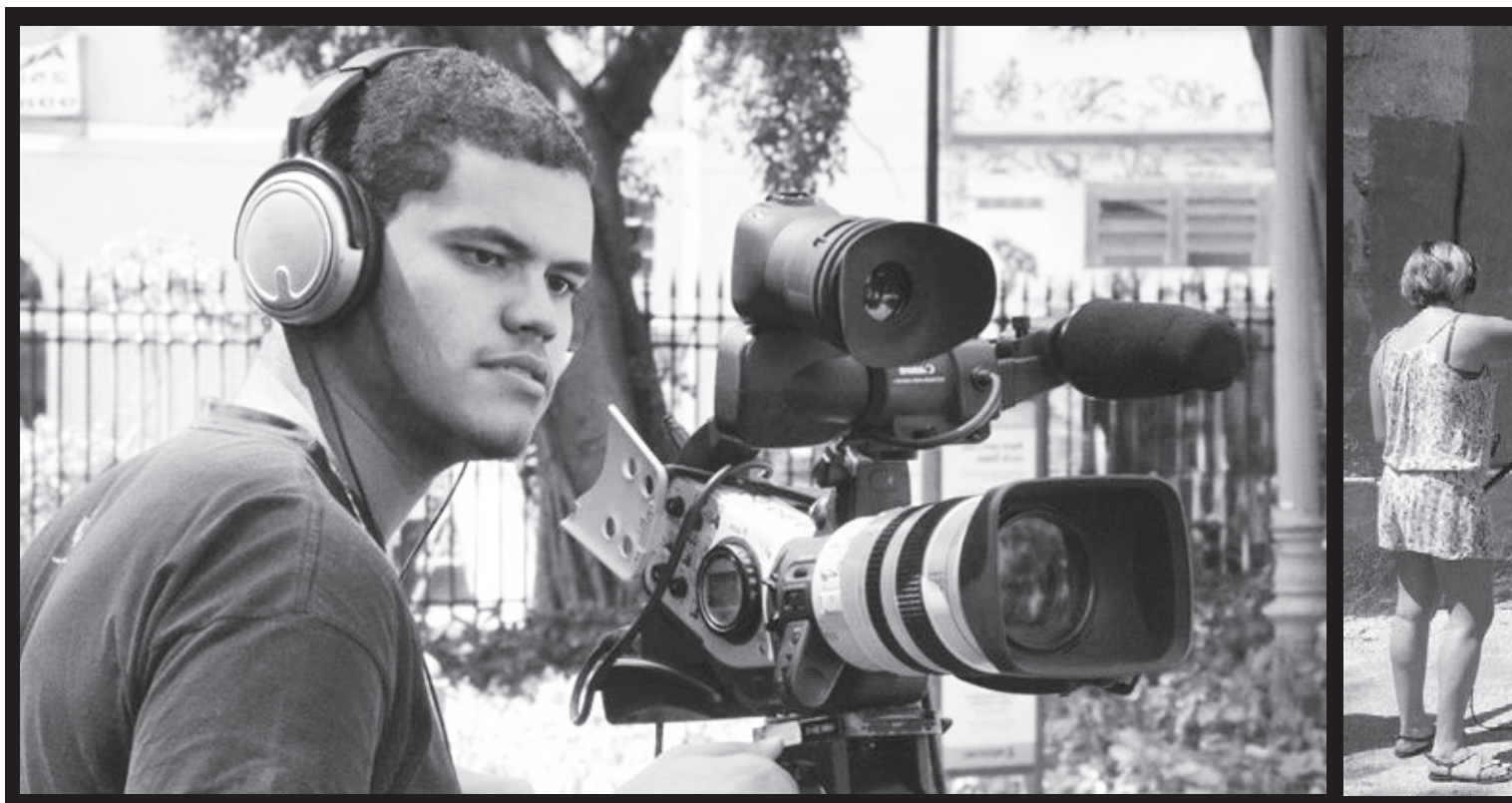


Rômulo da Silva, de 58 anos, realiza doações mensais há mais de 19 anos

Recomendações aos doadores

O doador deve estar bem alimentado, evitando apenas alimentos muito gordurosos nas três horas e ingestão de bebidas alcoólicas nas 12 horas que antecedem a doação.

O voluntário deve levar consigo um documento oficial de identidade com foto (original) e estar dentro dos critérios básicos para poder doar: ter entre 16 e 69 anos, pesar mais de 50 quilos e ter boa saúde. Jovens com 16 e 17 anos precisam de autorização expressa dos pais e/ou responsáveis para realizarem a doação.



Comunicação sem fronteiras

ONG niteroiense se torna referência no âmbito da comunicação comunitária ao contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e ativos.

GABRYELLA MENDES

Paixão: sentimento intenso que possui a capacidade de alterar o comportamento ou pensamento; emoção; entusiasmo excessivo. Paixão também é o segredo do sucesso da Bem TV, uma instituição que roda as comunidades carentes de Niterói e São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio, levando tecnologia e informação para jovens, acreditando na comunicação como um dos caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Com mais de 20 anos de fundação, a Bem TV coleciona não só prêmios, mas várias histórias bem sucedidas. Histórias que a jornalista Márcia Correa e Castro, uma das fundadoras da organização não governamental (ONG), ajudou a cons-

truir através de um desejo altruísta. Márcia, na época estudante de uma universidade federal, queria retribuir o investimento financeiro e intelectual que a sociedade fazia nela. Talvez para um médico ou um engenheiro, fosse fácil imaginar como recompensar no futuro. Porém, o que uma jornalista poderia fazer? Foi através dessa pergunta que um despretenso sonho virou uma feliz realidade.

Tudo começou em julho de 1990, quando dois estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) voltavam de um congresso, onde se encantaram com o trabalho de uma TV comunitária que exibia vídeos educativos em comunidades. Inspirados pela proposta, os jovens tinham como ideia inicial um projeto de extensão da universidade, que gravasse e exibisse vídeos de conscientização para a popu-



lação carente. Porém, sem conseguir um professor para liderar o projeto, a ONG começou a funcionar dentro do quarto de Márcia. “Não tínhamos equipamentos, pegávamos emprestado da UFF, de amigos. A gente começou gravando o dia-a-dia do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Depois, exibíamos em telões nas comunidades. Os vídeos eram um verdadeiro fracasso”, diverte-se a jornalista. E foi em uma dessas exposições que os estudantes perceberam que o foco precisava ser mudado. “Os moradores pediram para gravarmos um jogo de futebol. A gente concordou, mas com a certeza que isso não daria certo. Quando chegamos ao campo, já estava tudo pronto: cabos, ângulo estratégico para deixar a câmera e até locutor! Naquele momento, percebemos que não é preciso falar nada



para ninguém, o que a gente precisa é dar os meios para que as pessoas se comuniquem.”, diz Márcia.

Desde então, a trajetória da Bem TV vem sendo construída através de um olhar de mobilização comunitária, formação de jovens e, acima de tudo, criando possibilidades. E foi em uma dessas possibilidades que a atual coordenadora do projeto, Daniela Araújo, se agarrou. Moradora da comunidade do Preventório, em Niterói, Daniela tinha 14 anos quando conheceu a instituição. “Foi uma casualidade. Meu irmão viu a divulgação que dizia “curso de vídeo” e me inscreveu achando que era curso para consertar vídeo cassete. E eu, na época, nem queria, pois morro de medo de eletricidade. Mas como não tinha nada para fazer durante a tarde, acabei indo. Quando cheguei lá, percebi

que não era nada do que pensávamos. Fiquei e nunca mais saí”, diz. Em pouco tempo, a atividade complementar de Daniela, foi se tornando “coisa séria”. Foi através do envolvimento com a Bem TV que ela decidiu cursar Jornalismo e se tornou professora da instituição. Hoje, também Mestre em Educação, Daniela é coordenadora do projeto e vê a ONG como um divisor de águas em sua vida.

UMA GRANDE FAMÍLIA

Quando perguntada sobre qual é o segredo do sucesso da instituição, a equipe da Bem TV foi unânime: Paixão. Eles garantem que, por mais que o trabalho seja difícil e feito por poucas pessoas, a ONG tem uma ética que ultrapassa a questão da gestão financeira e pedagógica: é uma ética ideológica. “Essas características fazem com que a Bem TV seja reconheci-

da, valorizada e dão força para que continuemos”, conta Daniela. E essa paixão vem contagiando as pessoas ao longo dos anos. Esse é o caso do ex-aluno e atual professor Maycon Santos. “A Bem TV é minha família, é parte da minha história. É um trabalho recompensador, uma troca de conhecimentos. Sempre digo que na vida a gente aprende sempre, e aqui eu aprendo demais”, diz.

Quem vê os olhos de Maycon brilhando ao falar da Bem TV, nem imagina o quanto ele relutou para ser conquistado pelo projeto. Nasceu e criado em comunidade carente, o jovem tinha uma realidade muito comum na classe popular. “Eu era balconista de padaria. Aqueles equipamentos não faziam parte da minha realidade, me sentia deslocado. Eu sabia que o meu acesso a essas tecnologias

ficaria restrito ao curso". Porém, ao terminar a oficina de vídeo, Maycon foi convidado a integrar o grupo de Jovens Comunicadores.

O aluno Marcos Paulo Alfa, também se encantou com a instituição. Alfa conheceu a Bem TV ao compartilhar em uma rede social, a pedido de uma amiga, uma postagem sobre o projeto Olho Vivo. Na mesma hora o jovem se identificou com a proposta do audiovisual que englobava animação. "Sou grafiteiro, poeta, adoro tudo que envolve arte. Me inscrevi no projeto e acabei me apaixonando. Percebi que a Bem TV não só me apoiava, mas também me motivava e dava oportunidade. Nunca imaginei que um dia eu pudesse roteirizar, dirigir e gravar um filme. Foi incrível!", empolgou-se o aluno. Hoje, integrante do grupo de Jovens Comunicadores - onde os alunos se reúnem para criar, debater ideias e aprimorar seus conhecimentos com o intuito de prepará-los para o mercado de trabalho, Alfa pretende continuar nos projetos da Bem TV e cursar faculdade de cinema.

RECONHECIMENTO

A Bem TV já recebeu diversos prêmios, mas foi no segundo semestre de 2014, quando ganhou o prêmio de utilidade pública, da Câmara Municipal de Vereadores de Niterói, que a emoção tomou conta da equipe. "Ver aqueles vereadores falando da nossa instituição com tanto respeito, me fez chorar. Um filme passou pela minha cabeça. Lembrei da nossa caminhada, do começo no meu quarto... Nós vencemos. E eu tenho muito orgulho da nossa história e, principalmente, da nossa transparência enquanto instituição", diz Márcia, emocionada.

A ONG continua articulando metas objetivas, como a permanência de jovens nos projetos, o vínculo reafirmado com as instituições de ensino e o ingresso total na área; e também as metas subjetivas, como o autoconhecimento e a ampliação de perspectiva. "É muito bom ver jovens levantando a nossa bandeira, mas o nosso foco não é que todos sejam jornalistas. A gente trabalha para que a comunicação seja entendida como um processo de coletivização. A principal mudança precisa ser a do olhar", finaliza a coordenadora da Bem TV, Daniela Araújo □

ATIVIDADES DA BEM TV

Conheça os programas oferecidos pela Bem TV e descubra qual combina mais com você. Para participar é necessário se inscrever através do site: www.bemtv.org.br

Plataforma dos Centros Urbanos

A Bem TV aderiu ao projeto da UNICEF, que busca diminuir a diferença de realidade de adolescentes que vivem em comunidades carentes e dos que estão em outras regiões dos centros urbanos. A iniciativa visa mobilizar governo, sociedade civil, empresas e cada cidadão para trabalharem juntos pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Tela Interativa

A oficina Tela Interativa é um desdobramento do projeto Olho Vivo. O objetivo do projeto é formar jovens comunicadores que tenham uma visão crítica da mídia e dos processos sociais e possam utilizar a comunicação na construção de uma sociedade solidária.

Olho Vivo

Acredita no jovem e na força da comunicação para transformar a sociedade. Suas atividades se organizam em dois eixos: as Oficinas de Mídia e a assessoria aos Grupos de Jovens Comunicadores. Nas Oficinas de Mídia, os adolescentes moradores de comunidades de baixa renda de Niterói têm acesso gratuito à formação em fotografia, produção de vídeo ou desenvolvimento de sites, já os Grupos de Jovens Comunicadores são compostos, quase sempre, por ex-alunos das oficinas de mídia. O Nós na Fita, programa que funciona dentro do Olho Vivo, dedica-se a produção audiovisual e gerencia um cineclube.

Educomunicar

Tem como ponto de partida a capacitação de 30 professores de escolas públicas de Niterói em torno da interface

entre Comunicação e Educação. Finda a oficina os professores capacitados multiplicam o processo desenvolvendo em suas escolas de origem projetos de Comunicação com a parceria entre alunos, educadores e direção.

Central de Notícias da Escola

Articula uma rede para produção e troca de conteúdos audiovisuais, envolvendo professores e estudantes. Tudo acontece na escola. O ponto de partida é uma oficina na qual jovens e professores aprendem a produzir roteiros, gravar com equipamentos portáteis (já existentes na escola) e a editar imagens usando softwares livres.

Entre Fraldas e Cadernos

Em parceria com o Unicef, a Bem TV desenvolveu o kit "Entre Fraldas e Cadernos" a ser distribuído a escolas públicas. Ele é composto de um conjunto de 30 fotonovelas (destinadas a alunos), um guia metodológico voltado para o professor e cartazes sobre a relação gravidez x estudo para serem espalhados na escola. O material é autoexplicativo e tem por objetivo discutir com gestores escolares, professores e adolescentes estudantes o tema da gravidez na adolescência: o que fazer para prevenir ou como agir, caso a maternidade já seja uma realidade.

Um Olhar Sobre a AIDS

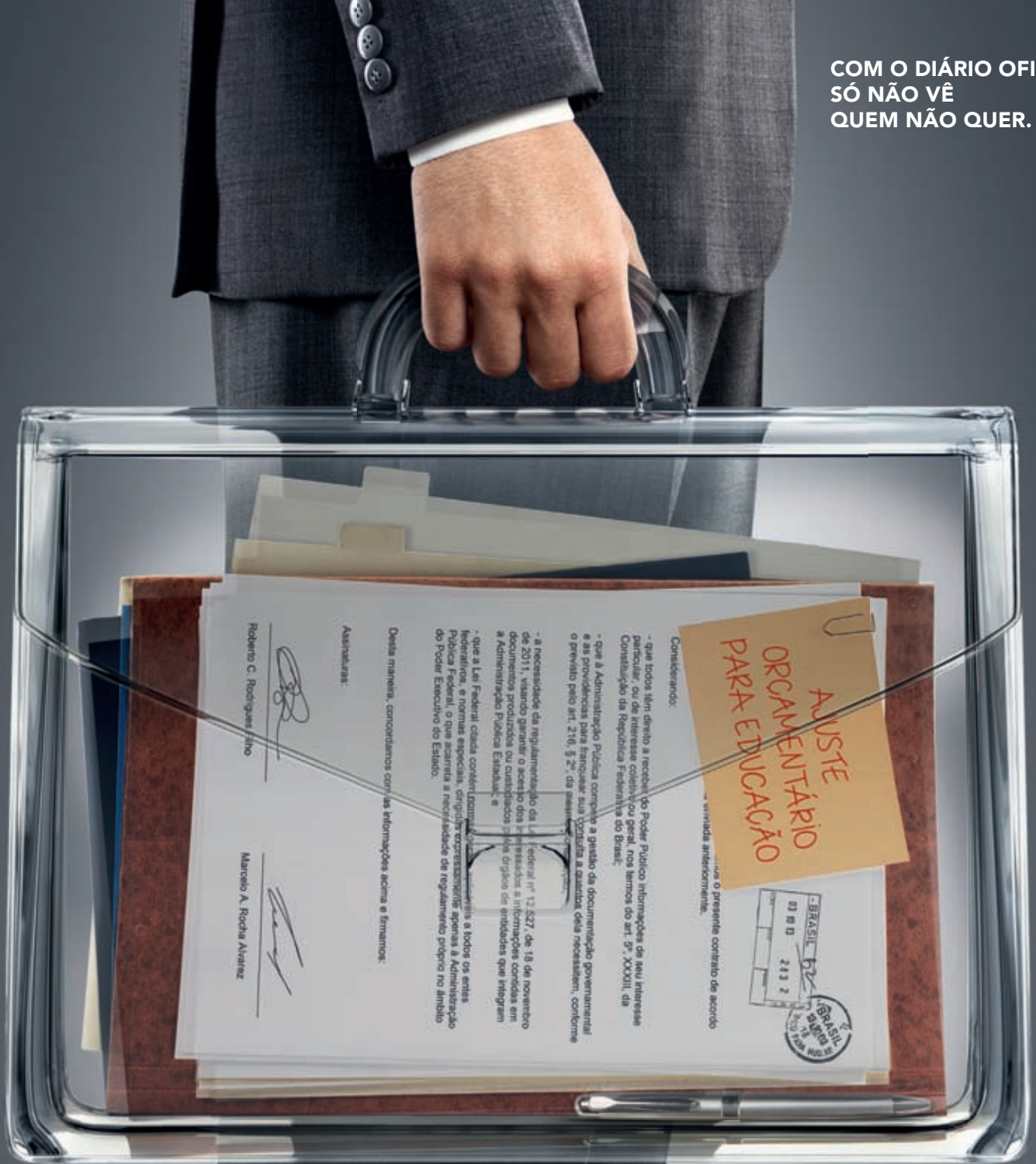
O projeto busca reduzir os índices de gravidez e de contaminação por DST/AIDS entre estudantes. As atividades compreendem a discussão do vídeo "Muito Prazer" (produzido por adolescentes) e a realização de oficinas de produção audiovisual em escolas.



SERVIÇO

Bem TV
Endereço: Rua Doutor Contrin da Silva, nº 04, Centro - Niterói
Telefone: 3604-1500
E-mail: bemtv@bemtv.org.br

COM O DIÁRIO OFICIAL,
SÓ NÃO VÊ
QUEM NÃO QUER.



SÓ É OFICIAL QUANDO ESTÁ AQUI.

O Diário Oficial é o instrumento de transparência das empresas privadas e dos órgãos públicos. E para você a melhor ferramenta de fiscalização das leis, atos, licitações, contratos e tudo de oficial que acontece no estado. Por isso, com o Diário Oficial, tudo fica transparente.



SECRETARIA
DA CASA CIVIL



WWW.IMPRESAOFICIAL.RJ.GOV.BR

mais criatividade mais florestas plantadas

Você ♥ papel
Dá para entender



Você sabia que as empresas brasileiras produtoras de papel obtêm 100% da celulose a partir de florestas plantadas?*

A área de florestas plantadas no Brasil equivale a 2.2 milhões de campos de futebol.**

Desenhar aumenta a criatividade. Estimule seus filhos a desenhar tranquilamente, pois o papel é feito de madeira natural e renovável.

Para descobrir fatos ambientais surpreendentes sobre a comunicação impressa e o papel, visite www.twosides.org.br

APOIO



Two Sides é uma iniciativa que promove o uso responsável da comunicação impressa e do papel como uma escolha natural e reciclável para comunicações poderosas e sustentáveis.

*Folha Bracelpa Nº01, Maio / Junho 2009.

**Two Sides Brasil, 2014.

A comunicação impressa e o papel têm uma ótima **história ambiental** para contar



www.twosides.org.br